

# Mídia índio(s)

comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação

Bruno Pacheco de Oliveira

#### Bruno Pacheco de Oliveira

## Mídia índio(s)

comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação





Copyright © Bruno Pacheco de Oliveira, 2014

Coordenação da coleção Antonio Carlos de Souza Lima

*Preparação de textos*Mariza de Carvalho Soares

Revisão técnica Ana Lucia Silva Enne

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica Jorge Tadeu Martins da Costa

*Revisão* Malu Resende

> Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oliveira, Bruno Pacheco de

Mídia índio(s): comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação / Bruno Pacheco de Oliveira. – Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2014.

96 p.: il. (Série traçados, v. 4)

Inclui bibliografia ISBN 978-85-7740-159-8

1. Índios da América do Sul 2. Comunicação e tecnologia 3. Fotografia 4. Internet

CDD 980.4131

5. Vídeos I. Título II. Série

14-0102

Índices para catálogo sistemático: 1. Índios da América do Sul

Estelivrofoi integralmente financiado, em sua elaboração, editoração e impressão, pelo projeto A Educação Superior de Indígenas no Brasil: avaliação, debate, qualificação, desenvolvido, no âmbito do Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED)/ Setor de Etnologia/Departamento de Antropologia/Museu Nacional-UFRJ, com recursos da Fundação Ford (Doação nº 1110-1278), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Edital Universal 14/2011 (Processo nº 482199/2011-3), e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), como Bolsa Cientistas do Nosso Estado para o projeto Intelectuais indígenas e formação de estado no Brasil contemporâneo: pesquisa e intervenção sobre a educação superior de indígenas no Brasil, (Processo E-26/102.926/2011), todos sob a coordenação de Antonio Carlos de Souza Lima.

2014

Todos os direitos reservados a:

Contra Capa Livraria Ltda.

<atendimento@contracapa.com.br> www.contracapa.com.br Tel (55 21) 2507.9448 | Fax (55 21) 3435.5128

Laboratório de Pesquisas em Etnicidade Cultura e Desenvolvimento - Laced.

Setor de Etnologia Departamento de Antropologia | Museu Nacional UFRJ Quinta da Boa Vista s/nº São Cristóvão | 20940-040 | Rio de Janeiro – RJ

Tel: (55 21) 2568.9642 r. 217

www.laced.etc.br

#### Agradecimentos

Este livro é resultado 15 anos de trabalho nos quais, junto às comunidades indígenas, aprimorei minha formação. Agradeço de forma especial às lideranças indígenas com quem convivi esses anos e com quem muito aprendi: Carmen Ticuna, Chico Apurinã, Clóvis Marubo, Davi Kopenawa Yanomami, Darcy Marubo, Euclides Macuxi, Gecinaldo Sateré-Maué, Gersem dos Santos Luciano Baniwa, Jacir Macuxi, Maninha Xucuru Kariri (em memória), Marcos Apurinã, Miquelina Machado, Nino Fernandes Ticuna, Paulino Montejo, Pedro Inácio Ticuna e muitos outros.

Este livro é fruto dos diálogos com Aptsiré Xavante, Cristiane Julião Pankararu, Dionedison Terena, Geovane Ticuna, Irandy Ticuna, Ismael Ticuna, Ismael Guarani Kaiowá, Luiz Henrique Eloy, Luiz Titiah, Marcos Xucuru, Maria das Dores Pankararu, Mario Nicácio Wapichana, Nibson Ticuna, Romancil Cretã Kaingang, Sabaru Tingui-Botó, Sandro Tuxá, Sidney Terena, Simone Eloy Terena, Tonico Benites Guarani Kaiowa, Tsitsina Xavante, Uilton Tuxá. Ao Alexandre Pankararu, à Mayra Wapichana e ao Tupã Mirim Guarani-Mbya agradeço especialmente a interlocucão direta quanto ao conteúdo e à forma do presente livro, junto à Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas e Espírito Santo (Apoinme), ao Conselho Indígena de Roraima (CIR) e à Articulação dos Povos Indígenas da Região Sudeste (ArpinSudeste), aos quais devo os meus maiores agradecimentos.

Quero agradecer ainda os meus primeiros formadores, Renato Pereira e Roberto Berliner na TvZERO, onde tudo começou, e ao professor Eduardo Escorel, que me orientou na FGV. Ao professor Antonio Carlos de Souza Lima, coordenador do projeto Educação Superior Indígena, agradeço pelo privilégio de partilhar de sua experiência e de sua amizade e pelo incentivo que dele tenho recebido. À Ana Lucia Silva Enne, minha orientadora de mestrado, agradeço a valiosa ajuda para a finalização deste livro e um generoso posfácio. Agradeço também aos amigos e parceiros de tantos anos: Clarisse Sá Earp, Jorge Tadeu (também pela editoração do livro), Julio Souto, Marcio Confort, Ric Liuzzi e tantos outros.

Agradeço também a Adriana, Pedro e Francisco, aos meus pais e meus irmãos, primos e tios que sempre me apoiaram.

A todos, muito obrigado.

Bruno Pacheco de Oliveira

#### Sumário

	Apresentação	07
	Prefácio. Articulando aldeias, tecendo lutas Antonio Carlos de Souza Lima	09
	Introdução. A comunicação no cenário contemporâneo	11
1.	Internet, Web, www, rede mundial de computadores	15
2.	Mobilização em rede	23
3.	A produção de conteúdos	31
4.	Argumento, pesquisa e roteiro	37
5.	A captação da imagem	45
6.	Gravação de vídeos: imagem em movimento	59
7.	Captação de som	63
8.	Edição de vídeo	69
9.	Distribuição de vídeos	75
10.	Direitos autorais e direito de uso de imagem	79
	Conclusão	85
	Posfácio. Compartilhar como forma de aprender Ana Lucia Enne	87
	Referências bibliográficas	89
	Anexo. Lista da bibliotecas virtuais disponíveis online	91
	Sobre o autor	95

#### Apresentação

A história de luta e resistência dos povos indígenas do Brasil atravessa diversas regiões do país. É uma luta pela defesa e garantia dos territórios tradicionais, historicamente roubados a ferro e força pelos invasores que tornaram nossos ancestrais escravos e depois quase os exterminaram. Uma história que até os dias atuais tem sido omitida nos espaços educativos e sociais, onde o descobrimento do Brasil aparece como mérito dos portugueses, sem respeitar aqueles que já estavam aqui. Ao longo desses 513 anos, os povos indígenas do Brasil resistiram por meio da luta pacífica de nossos líderes guerreiros que enfrentaram ameaças e morreram em defesa de seu povo e de sua terra. Sem eles não teríamos alcançado as conquistas que nós, jovens, temos hoje na Constituição brasileira, embora na prática esses direitos ainda não estejam garantidos.

Lutamos pelo direito à diferença, pelo respeito às culturas, às tradições e, acima de tudo, pelo direito à retomada dos territórios tradicionais. O marco das nossas conquistas foi a aprovação dos artigos 231 e 232 da Constituição brasileira, quando sentimos na pele o poder da liberdade, do pertencimento ao nosso próprio lugar de origem e ao nosso país. Com a Constituição de 1988 demos passos importantes, mesmo diante de uma sociedade preconceituosa que permanece com pensamentos e visões colonialistas e que não nos reconhece como tronco da formação social e cultural do país. Contudo, a conquista de espaço avançou. Nós, povos indígenas, nos unimos a outros movimentos sociais pedindo o direito à democracia, à liberdade de expressão, a um país justo, com cidadania e respeito às diferenças culturais.

Embora tenhamos conquistado o direito à educação e à saúde diferenciadas, a uma organização social reconhecida e à garantia dos nossos territórios tradicionais, a sociedade e o próprio Estado brasileiro não cumprem nem respeitam esses direitos. Exemplo disso são as ameaças de retrocesso: terras invadidas, hidrelétricas, mineradoras e rodovias causam incalculáveis impactos ambientais, sociais e culturais às comunidades indígenas.

Diante de tantos sofrimentos, agora é a vez do protagonismo indígena. Um exemplo dessa nova forma de atuar é a educação superior indígena através da qual jovens indígenas buscam formação como instrumento de defesa, de luta e sobretudo de autonomia para atender a um bem viver coletivo. São profissionais de direito, enfermagem, medicina, administração, agronomia, história e outras

áreas do conhecimento científico que associam seus novos conhecimentos aos conhecimentos tradicionais em favor de seus povos.

Entre os contextos específicos do movimento indígena, nos deparamos com a área da comunicação, a comunicação indígena. Da mesma forma que questionamos sobre "que educação nós temos e que educação nós queremos", também questionamos "que comunicação nós temos e que comunicação nós queremos". Enquanto comunicadores, jornalistas, atuantes na causa em defesa dos direitos indígenas, nossa proposta é abrir perspectivas que atendam às demandas de nossas comunidades indígenas, a partir de nossos pensamentos e de acordo com a nossa realidade. Além da busca de espaço e visibilidade social, queremos construir canais alternativos abertos e interativos nas áreas audiovisual, impressa, rádio, TV e nas mídias *online*.

A busca por mecanismos alternativos na área da comunicação vai além do simples fato de criar, construir ou ocupar espaço, pois há um objetivo maior, que é criar uma ferramenta de defesa, de conscientização e participação dos povos. As organizações representantes dos povos indígenas, pertencentes aos diversos territórios tradicionais, muito têm procurado atender às suas bases, criando assessorias de comunicação nas suas estruturas organizacionais. As assessorias são meios para publicação de atividades sociais, culturais, políticas e outras possibilidades de comunicação entre a questão indígena e a sociedade.

Nós, povos indígenas, que conquistamos o direito à autonomia, podemos ser construtores da nossa própria realidade e contar a nossa história de forma verídica e responsável. Por isso, assumimos o compromisso de sermos protagonistas de um novo cenário político do movimento indígena, atuando e conquistando espaços na sociedade brasileira que historicamente ofuscou os valores, as identidades e as tradições de cada povo indígena originário deste país chamado Brasil.

Alexandre dos Santos Pankararu, Apoinme
Aptsiré Xavante, educador/MT
Graci Guarani, Ascom Apoinme
Ismael Guarani Kaiowa, educador/MS
Ismael, Irandy e Geovane Ticuna, Ticuna Produções e Museu Maguta/AM
Mayra Wapichana, CIR e UFRR
Poran Potiguara, acadêmico/UnB
Tsitsina Xavante, Rede de Juventude Indígena e UnB
Tupã Mirim Guarani Mbiá, Arpinsudeste e Secretaria Municipal de Cultura/SP
Weibe Tapeba, liderança Tapeba/CE

8

#### Prefácio

#### Articulando aldeias, tecendo lutas

A ideia de elaborar um texto voltado à reflexão de indígenas sobre o uso das mídias surgiu da constatação de que, seja no cenário latino-americano mais amplo, seja no brasileiro, a presença indígena nos meios de comunicação a distância é a cada dia mais visível e crescente. Das rádios comunitárias, passando pela fotografia, pelo cinema e, sobretudo, pela internet, os indígenas – em especial a juventude indígena – têm ocupado mais e mais espaço como produtores de informação sobre eles mesmos. Confrontam assim o legado colonial que os coloca como dependentes de um branco, intérprete privilegiado de seus modos de vida, interesses e perspectivas. Reapropriando-se de tecnologias alheias a seus mundos, dão-lhes novas serventias: criam canais de comunicação no interior de cada povo e entre povos distintos e apartados geograficamente, gerando conhecimento mútuo e possibilidades de articulação.

Foi com a ideia de reforçar e contribuir para estes movimentos que o Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (Laced) do Museu Nacional/UFRJ, através do projeto "A Educação Superior de Indígenas: avaliação, debate e qualificação", propôs duas atividades que aqui se reúnem.

A primeira foi a realização de uma oficina em torno do tema dos meios de comunicação a distância, de seus aspectos tecnológicos e, sobretudo, de suas implicações políticas na militância dos povos indígenas. Também sob a coordenação do autor, e visando finalizar o texto, esses temas foram debatidos com indígenas (estudantes ou não do ensino superior) que se dedicam ou pretendem se dedicar às atividades de comunicação em diferentes pontos do Brasil, vinculados a universidades e a organizações indígenas. A oficina foi realizada em parceria com o "Programa Rede de Saberes", nos quadros mais amplos do VII Encontro de Acadêmicos Indígenas do Mato Grosso do Sul, e do V Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade, promovidos pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas e a Universidade Católica Dom Bosco, de 22 a 24 de setembro de 2013.

A segunda é a publicação do presente livro. Para escrevê-lo ninguém melhor que Bruno Pacheco de Oliveira, integrante da equipe do projeto, jornalista e documentarista já com longa trajetória de trabalho junto a povos indígenas de diversos pontos do Brasil. Sua experiência abrange, além da realização de vídeos,

o trabalho de formação de jovens indígenas no uso de tecnologias audiovisuais de documentação com fins jornalísticos, notadamente no acompanhamento de movimentos políticos (assembleias, reuniões, cursos etc.).

Mídia Índio(s) sistematiza um leque de possibilidades de uso dos meios de comunicação a distância pelos povos indígenas. Por um lado, com o incremento do conhecimento mútuo e uma percepção dos problemas indígenas no Brasil contemporâneo, apresenta alternativas para maior circulação de informações entre esses povos. Por outro, busca contribuir para a necessidade de se ultrapassarem as longas distâncias que funcionam como obstáculos à articulação política. Esperamos que o livro seja mais um instrumento no amplo e necessário trabalho de formação de indígenas jornalistas e documentaristas que lutam para construir e disseminar imagens mais próximas das autovisões de seus povos. Só deste modo será possível reverter o legado das imagens coloniais ainda hoje vigentes nos meios de comunicação, em nível nacional e internacional.

Podemos assim imaginar um mundo em que o mediador – seja ele o missionário, o antropólogo ou o jornalista – tido como capaz de interpretar e decodificar "o indígena" para o "Ocidente", se veja sistematicamente interpelado por autores capazes de falar desde seus povos, usando linguagens de sua escolha e chaves de tradução por eles mesmos divisadas. Supô-los capazes de tecer amplas redes de relações entre imagens, saberes e conhecimentos, desde suas aldeias e bairros, em grandes cidades até os primeiros centros dos poderes hegemônicos no plano internacional é, sem dúvida, um alento à continuidade das lutas pela diversidade e por transformações globais. Diante do quadro de hegemonia capitalista e de ampla e inquestionada adesão ao desenvolvimentismo contemporâneo, cujos impactos sobre os povos indígenas são muito conhecidos, movimentos indígenas de articulação são fundamentais. Levantando o tema do uso de novas tecnologias, *Mídia Índio(s)* contribui para publicizar a luta política em prol dos direitos indígenas.

Antonio Carlos de Souza Lima\* Editor da série Traçados

10 BRUNO PACHECO DE OLIVEIRA

<sup>\*</sup> Professor associado de Etnologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro; co-coordenador do Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (Laced) no DA/MN, onde dirige o projeto "A educação superior de indígenas no Brasil: avaliação, debate, qualificação". Bolsista IB de Produtividade em Pesquisa/CNPq; bolsista Cientistas do Nosso Estado/Faperj.

#### Introdução

#### A comunicação no cenário contemporâneo

As mudanças ocorridas nas últimas décadas nos modelos de comunicação criaram uma nova forma de estar no mundo que desafia professores, alunos e sistemas de ensino. Os níveis de acesso e o uso das tecnologias de informação mostram o grau de autonomia que um indivíduo ou um coletivo possui para obter informações, disseminar conteúdos, cumprir deveres e fazer valer seus direitos. Entre os maiores desafios das próximas décadas está alinhar os avanços técnicos com a boa transmissão dos conhecimentos universais, dos conhecimentos tradicionais, dos direitos humanos, da fraternidade e da preservação do meio ambiente.

Este trabalho trata de temas complexos, de ordem técnica e conceitual, de uma forma muito direta e acessível, assumindo os riscos que decorrem desta abordagem. Ao reunirmos um conteúdo tão vasto em um pequeno livro, evitando o modelo de manual esquemático e tutorial, queremos levar ao leitor conceitos básicos, apontar caminhos e dar dicas para futuros estudos e trabalhos. O objetivo é apresentar um novo modo de fazer comunicação, mostrando como é possível acompanhar as mudanças, produzindo e distribuindo conhecimento de forma acessível e inovadora.

Antes da popularização da internet, a troca de informação audiovisual em nossa sociedade se dava basicamente entre um grande agente (importantes emissoras privadas ou estatais, estúdios de cinema etc.) e o público em geral. Esses grandes agentes representam formas homogeneizadoras de pensamento que, massivamente distribuídas, visam estabelecer como modelo de sociedade o discurso liberal e consumista. Esse modelo se caracteriza por uma estratégia de distribuição da informação hierarquizada, que vai do grande agente para o público em geral. Nesse contexto, o espectador tem um universo bastante reduzido para questionar e ressignificar a informação recebida.

A marca do novo modelo aqui explorado é justamente sua horizontalidade. Ao invés de estabelecer a comunicação de forma hierarquizada, partimos de agentes diversificados que se dirigem a públicos específicos que se beneficiam das tecnologias digitais, instituindo uma comunicação em rede. Com pouca interferência dos grandes agentes, este novo formato está mudando o cenário da comunicação mundial.

Diversos movimentos sociais quebraram a barreira da invisibilidade utilizando *blogs* e redes sociais. Um dos exemplos mais atuais no nível internacional é a chamada "Primavera Árabe", na qual manifestações populares contra governos autoritários, organizadas pela internet, derrubaram governos em diversos países do chamado mundo árabe. No Brasil, campanhas contra a Hidroelétrica de Belo Monte (PA), a demolição do antigo Museu do Índio (RJ), ou em apoio ao povo indígena Guarani-Kaiowá (MS) também mobilizaram milhões de internautas e tiveram grande repercussão.

É importante destacar que as grandes corporações continuam dominando os maiores fluxos que trafegam pela internet, mas a cada dia a produção vai sendo mais pulverizada. Com isso, indivíduos e pequenas organizações conquistam espaço e fazem valer suas ideias através de um modelo de comunicação menos restritivo e mais inclusivo.

#### O desafio de cada um

A cada dia os habitantes do nosso planeta vivem experiências audiovisuais decorrentes das novas tecnologias e práticas sociais que exigem um constante aprendizado. Hoje, por mais que você não queira ter um *e-mail*, participar de uma rede social ou ter um telefone celular que tira fotos ou tem acesso à internet, você se vê cercado pelas tecnologias digitais que permeiam boa parte das nossas vidas.

Com serviços melhores e custos menores, a informação, o lazer e os serviços estão cada vez mais apoiados na internet e nas experiências audiovisuais. Economizar recursos de pessoas, instituições e países é um desafio da sociedade para construir um futuro mais racional, com menos consumo, resíduos e destruição do meio ambiente. Essa mudança de atitude permite uma vida mais completa em termos ambientais, filosóficos e práticos.

Os hábitos estão mudando rapidamente. Desde a chegada da web, a circulação de informações e serviços ganhou configurações diferentes e os grandes impactos desta revolução da informação estão apenas começando a aparecer. Segundo diversos institutos de pesquisa, boa parte dos brasileiros já passa mais tempo na internet do que diante da televisão.

Este livro apresenta algumas experiências e ações voltadas para os jovens e profissionais indígenas, trazendo as novas tecnologias de comunicação para o dia a dia da vida dos povos indígenas, considerando sua diversidade, os desafios da economia e do meio ambiente. A apropriação das novas ferramentas técnicas que servem a toda a humanidade é fundamental para promover uma interação

12

positiva dos jovens indígenas, seja entre eles, seja em sua atuação nas várias esferas sociais locais, nacionais e globais.

#### Experiências audiovisuais

Este livro fala de produção e divulgação de informação. Estes temas normalmente são apresentados nos formatos de áudio, vídeo ou texto, seguindo princípios técnicos que podem vir da literatura, da pintura ou da física, em combinação com os avanços dos meios técnicos de produção, disponíveis para a maior parte da população. Não pretendemos convencer ninguém a adotar a modernidade, e sim ajudar quem tem vontade de realizar determinadas tarefas ou trabalhos a executá-los com mais eficiência e autonomia. Nada do que é apresentado aqui requer aparato tecnológico complicado. Pelo contrário, buscamos soluções simples e de baixo custo, acessíveis nos equipamentos usualmente encontrados.

Nos dias de hoje todos somos internautas potenciais, mas a distribuição de poder entre nós acompanha o mesmo padrão desigual da maior parte das sociedades humanas. Estamos nos aproximando então do que é o objetivo deste trabalho: ajudar o leitor a conhecer, estudar, refletir, divulgar e trocar experiências com mais facilidade e menor dependência de agentes privados ou públicos, e com menores custos. Nossa proposta é bastante simples, focalizando questões importantes que permeiam esse novo universo no qual estamos adentrando. Para isso, vamos começar pelo final do processo: o receptor da informação, o internauta, o leitor conectado à rede mundial de computadores (www).

### Capítulo 1

## Internet, Web, www, rede mundial de computadores

A palavra INTERNET é uma contração da expressão em inglês international network (ou rede internacional). Também é conhecida como www (world wide web) ou simplesmente web. Foi criada na década de 1950 com fins militares e posteriormente adotada por universidades e empresas, ampliando progressivamente seu horizonte até converter-se no fenômeno que é hoje. A grande popularização da internet se deu a partir da década 1990, alcançando hoje um total de mais de 2 bilhões de usuários em todo o planeta.

Em diversos países são usadas traduções desses termos, mas o inglês permanece como a língua mais conhecida mundialmente e o uso de palavras em inglês facilita a comunicação internacional. Mesmo com precários conhecimentos da língua inglesa é possível a um usuário brasileiro que conheça o vocabulário básico da internet, acessar sites estrangeiros e ler instruções em inglês que possam orientar sua navegação. Assim, o internauta deve estar atento à língua inglesa, procurando sempre resolver as suas necessidades com o apoio dos dicionários impressos ou online. Dessa forma poderá avançar ao mesmo tempo no conhecimento de informática e de inglês, pois um auxilia o outro, tornando o aprendizado uma atividade dinâmica e divertida.

Os principais agentes da *web* são os provedores de conteúdo, que podem ser públicos ou privados, individuais ou coletivos.

Os provedores públicos representam um leque muito importante de acontecimentos e informações, poucas vezes reconhecido, onde grandes mudanças criaram também grandes oportunidades. O avanço da legislação na direção da abertura total dos dados da administração pública, em todas as esferas, alinhado à significativa eficiência no processamento de dados a baixos custos, traz o Estado para a internet com força total. Hoje, a estreita relação entre a internet e os diferentes Estados é praticamente indissolúvel e tende a aumentar cada vez mais suas áreas de atuação. No Brasil já é possível acessar pela internet declarações de Imposto de Renda, pagamentos e notas fiscais, inscrições para o Enem, ProUni, editais, bolsas e até os pregões eletrônicos para compras e licitações, por exemplo. Cada vez mais o Estado investe na internet e vê bons resultados em suas ações que passaram a ter custos menores, com maior alcance e transparência.

Os provedores privados alcançam tanto conglomerados econômicos quando pequenas iniciativas coletivas e até mesmo individuais. Os grandes provedores privados (bancos, empresas estatais, concessionárias públicas, mineradoras, seguradoras, montadoras de automóveis e outras importantes empresas) investem muitos recursos e dominam grande parte do público, das vendas e da formação da opinião pública na internet. Na outra ponta temos os pequenos empresários e produtores representados na *web* por *sites* individuais e coletivos, e nas redes sociais.

Nas mídias mais antigas, como a TV, o rádio ou os jornais impressos, as grandes corporações ainda controlam a maior parte das operações, enquanto os pequenos sofrem de invisibilidade. Com a internet, esta razão continua desproporcional, mas já são bem maiores as possibilidades de um pequeno empreendedor que deseja furar a barreira da mídia conseguir mostrar seu trabalho ou seu produto.

Entre os provedores privados, são provedores individuais todos os internautas que usufruem de algum tipo de informação ou entretenimento na internet, utilizando-se para isso de ferramentas como sites, blogs, e-mails ou rede sociais.

#### Os sites

A palavra inglesa *site* tem o mesmo significado da palavra portuguesa sítio, que significa um lugar demarcado, um local, ou uma posição. Então, *website* é um sítio ou lugar eletrônico dentro da rede mundial, ou *web*. Esses lugares eletrônicos também são chamados de virtuais, porque não têm uma existência física. Cada *site* tem um endereço e está vinculado a um provedor escolhido de acordo com a sua finalidade. Existem diferentes tipos de *sites*:

Sites institucionais: muitas instituições e empresas usam seus sites como canal de contato com clientes e fornecedores. Empresas utilizam sites para comércio eletrônico, recrutamento de funcionários, divulgação de produtos e serviços, promoções etc. Instituições sem fins lucrativos, ONGs, associações, cooperativas também usam seus sites para divulgar o trabalho que realizam, informar a respeito de fatos e eventos, arrecadar fundos ou comunicar-se com seu público ou associados.

Diversos *sites* governamentais disponibilizam gratuitamente bons conteúdos sobre a questão indígena:

- www.funai.gov.br/ Fundação Nacional do Índio (governo federal)
- www.museudoindio.gov.br/ Museu do Índio (Funai/RJ)
- www.ibge.gov.br/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Sites organizados por universidades e organizações não governamentais também são importantes veículos de informação:

- www.laced.etc.br/ Laboratório de Pesquisa em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento do Museu Nacional (UFRJ)
- www.neppi.org Núcleo de Estudos e Pesquisa das Populações Indígenas (UCDB/MS)
- www.cimi.org.br Conselho Missionário Indigenista (CIMI) CNBB
- www.socioambiental.org Instituto Socioambiental (ISA)
- www.indiosonline.net Organização Índios Online

Diversas organizações indígenas também mantêm páginas com informações:

- www.coiab.org Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.
- www.apoinme.org.br Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo.
- www.arpinsul.org.br Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul.
- www.cir.org.br Conselho Indígena de Roraima.
- www.foirn.org.br Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.
- www.museumaguta.com.br Museu Maguta do Povo Ticuna.

Sites de informação: veículos de comunicação, como jornais, revistas e agências de notícias, utilizam a internet para difundir informação para um público mais amplo que o presente nas mídias tradicionais. Jornalistas autônomos e indivíduos também publicam informações na internet por meio de *blogs* e redes sociais.

Sites de aplicativos: existem sites que são ferramentas de automação, produtividade e compartilhamento. Podem ser sites de busca, de correio eletrônico, sites que servem para a comunicação de usuários pela rede, bancos de dados, mapas, planilhas eletrônicas, editores de texto e imagem, dicionários, agendas etc. O Google (www.google.com) começou como um site de buscas e hoje é o líder neste setor com sites aplicativos para as mais diversas funções, disponibilizando gratuitamente várias ferramentas, como as listadas abaixo:

- Gmail Provedor de e-mail
- Youtube site de compartilhamento de vídeo
- Google Tradutor site para tradução online em línguas de todo o mundo
- Picasa site para armazenamento, edição e compartilhamento de fotos
- Google.maps site de mapas e rotas com imagens de satélites de todo o globo terrestre
- books.google.com.br site para busca e download de livros em pdf (baixar)

Fora do universo Google, destacamos o Skype (www.skype.com) para comunicação por áudio, vídeo ou mensagens de texto; o WeTranfer (www.wetranfer.com) para transferência de arquivos pesados; e o WhatsApp, o preferido dos *smartphones*.

Outros sites disponibilizam serviços que podem ser muito úteis: Michaelis (www.michaelis.uol.com.br), dicionário que também oferece tradutor online; The Weather Channel (br.weather.com); Climatempo (www.climatempo.com.br), que oferecem informações meteorológicas.

Portais: são *sites* que congregam conteúdos de diversos tipos, geralmente fornecidos por uma mesma empresa. Recebem este nome por oferecerem a grande maioria dos serviços da internet em um mesmo local. No Brasil, os mais acessados são G1 (Globo.com), UOL.com.br, TERRA.com.br, entre outros. Notícias, variedades, compras, serviços, *e-mail*, tudo isso reunido em um mesmo *site*.

#### Blog

É uma palavra que não tem tradução para o português. É um tipo de *site* cuja estrutura permite atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou *posts*. Os *blogs* normalmente têm um caráter temático e são atualizados de forma muito ágil. Em geral, são organizados cronologicamente, seguindo a ordem de publicação, indo das informações mais recentes às mais antigas, conforme você rola a tela. Os *blogs* têm um custo de manutenção muito baixo, podem mesmo ser gratuitos, e sua contratação é bem menos burocrática do que a de um *site*, que necessita de registro, responsável legal e provedor.

#### Correio eletrônico

É mais antigo do que a internet, mas encontrou na web seu ambiente ideal. Através dos chamados websites, pessoas de todo o mundo trocam arquivos de texto, fotos, áudio, vídeo e dados, sem custos ou a custo muito baixo. Com o crescimento do acesso gratuito, muitos sites começaram a oferecer endereços de e-mail desvinculados de qualquer outro serviço, permitindo uma grande popularização desse modelo de aplicativo.

O problema é que a falta de conhecimento por parte dos usuários sobre a utilização dessa ferramenta frequentemente acarreta danos. Pelo correio eletrônico chegam alguns dos principais perigos da internet. Cuidado quando receber certas mensagens como *Comunicado Importante!*, ou então produtos muito baratos à venda, oportunidades únicas para ganhar dinheiro... Essas mensagens geralmente são chamarizes e trazem escondidos programas popularmente chamados "vírus" ou "cavalos de troia". Esses programas se instalam no seu computador sem

20 BRUNO PACHECO DE OLIVEIRA

sua autorização para roubar dados pessoais ou bancários, danificar a máquina, ou prejudicar o internauta de diversas maneiras. Infelizmente até mesmo um amigo pode involuntariamente enviar um vírus digital. Isto acontece porque eles contaminam as contas de *e-mail* e usam os cadernos de endereço dos usuários para se disseminar.

#### Perigos na web

Muita atenção aos *e-mails* e aos arquivos que você receber. Procure sempre manter os programas antivírus atualizados e só abra *e-mails* de pessoas conhecidas ou de entidades e empresas confiáveis.



#### **Redes sociais**

Uma rede social é composta por pessoas ou organizações conectadas que partilham valores e objetivos. Uma das características fundamentais na definição das redes sociais é a sua abertura e a capacidade de absorver pessoas e pensamentos diferentes a partir de algum traço comum. Normalmente o internauta não tem dificuldade para aderir a um movimento ou ingressar em um grupo. Através de um único clique "curtir", o internauta passa a acompanhar um determinado grupo e a compartilhar seus conteúdos. Como exemplo, temos várias páginas de organizações indígenas no Facebook. Também é fácil participar de petições, listas de assinaturas para encaminhar processos ao Legislativo, fazer denúncias e mobilizações de todos os tipos.

As redes sociais *online* podem operar em diferentes níveis, por exemplo, redes de relacionamentos, como o Facebook ou o Orkut; redes profissionais, como a Linkedin; redes comunitárias ou redes políticas (normalmente concentradas em *sites* de entidades ou perfis em redes sociais), entre outras. Uma característica primordial dessas redes é a capacidade de agrupar, comunicar, crescer e difundir-se pelo universo digital, quase sem fronteiras. Em seguida, essas redes podem se dispersar em busca de outras formas ou eventos de organização e comunicação. As redes possibilitam relacionamentos mais horizontais e menos hierárquicos entre os participantes.

As redes sociais têm adquirido importância crescente na sociedade moderna, horizontalizando e descentralizando o compartilhamento de informações, os conhecimentos e os interesses. A intensificação da formação das redes sociais reflete um processo de fortalecimento da sociedade civil em um contexto de maior participação democrática e de mobilização social.

## Capítulo 2

#### Mobilização em rede

Três palavras são chaves para pensar a comunicação para povos indígenas do Brasil: silêncio, diferenças e colonialismo. Em seguida, três outras palavras ajudam a encontrar na comunicação caminhos para romper essas barreiras: mobilização, associativismo e redes.

#### Silêncio, diferenças e colonialismo

A primeira chave é o silêncio. Muitas vezes, mesmo quando o indígena parece ter voz, ele está, na verdade, atuando sob condições que podem contribuir para sua exclusão social, como no caso da participação de candidatos indígenas em partidos de clara atuação anti-indígena. Por outro lado, falar em comunicação indígena autêntica quer dizer que ela deve ser norteada pelos índios e por seus interesses. A partir disso, pessoas ou instituições que compartilham da mesma visão podem contribuir. Nesta perspectiva, o protagonismo é indígena. Quando falar? O que falar? Estas são questões centrais no jogo de disputa por legitimidade e representação.

O longo processo de expropriação das terras indígenas, os genocídios, a progressiva destruição das culturas e das línguas indígenas, assim como as barreiras montadas, ainda hoje, para evitar que o indígena tenha acesso a recursos disponíveis ao restante da sociedade são exemplos clássicos da chamada atitude colonial. Para reverter esse processo é preciso reinventar a emancipação social através de novas teorias críticas. Precisamos entender as raízes reais do silêncio e do apagamento das diferenças para propormos formas diferentes de organização social.

A segunda chave é a diferença. Como é ser, ou apresentar-se, como diferente? A identidade étnica é uma diferença consolidada e compreendida, mas reflete uma expectativa perversa que também imobiliza a expressão indígena. A necessidade de ser diferente algumas vezes induz os indígenas à aceitação de uma identidade indígena estereotipada, criada no século XIX para desqualificar o índio real, tomar suas terras e acabar com seu modo de vida. Esta é uma armadilha que precisamos evitar.

O Brasil tem mais de 220 povos indígenas e, por isso, o rompimento do silêncio e a recusa de uma identidade genérica de índio nos levam a uma segunda

questão: entender que não existe UMA voz indígena e sim VÁRIAS. Consequentemente, a expressão e a demanda não podem ser UMA, também têm que ser VÁRIAS. A meta é criar uma polifonia. Ao mesmo tempo, é importante procurar uma consonância entre as diferentes vozes para organizar os movimentos. Na história dos movimentos indígenas, essa consonância foi consolidada na luta pela terra e por certos princípios, como o respeito ao meio ambiente.

Ao falarmos dos índios reais que vivem hoje nas várias partes do Brasil, não podemos deixar de tratar do tema da identidade étnica. A identidade étnica, antes de mais nada, tem que valer no interior do grupo. Se essa identidade vai ser expressa para fora vai depender da vontade individual ou coletiva do grupo. E isso vai acontecer de acordo com os contextos políticos, culturais, econômicos e sociais com que cada grupo se defronta. Os indígenas têm o poder, a autonomia para escolher em que querem ser iguais e em que querem ser diferentes. São os indígenas que devem dizer à sociedade brasileira que diferenças querem produzir, assim como têm o direito de decidir o que é ser Ticuna, Kaiowá ou Pataxó no Brasil do século xxi.

A terceira chave é o colonialismo. O modelo de capitalismo que tem o progresso e o consumo como conceitos de vida é vendido a todas as populações do mundo. Esse movimento cria estruturas hegemônicas que controlam a vida e o planeta segundo a lógica do lucro, do dinheiro e dos bens. O modelo de Estado que temos hoje foi criado pelo colonizador sem que se buscasse entender o modo de vida e a ideologia dos povos indígenas que habitavam as terras que vieram a ser o Brasil.

As teorias mais modernas sobre políticas de Estado e democracia mostram que os indígenas estão historicamente corretos em relação a diversas questões sobre as quais nunca foram ouvidos. Há vinte anos o meio ambiente era um assunto completamente à margem dos debates importantes. Quando os povos indígenas diziam que era preciso conservar as matas, eram motivo de chacota perante a sociedade envolvente, e eram taxados de preguiçosos. Hoje, a questão ambiental tem prioridade nas agendas dos principais presidentes do mundo e é destaque nos cadernos de economia dos grandes jornais. O pensamento crítico aproxima cada vez mais o pensamento moderno do pensamento indígena. Mas isso tem que reverter em benefício dos povos indígenas.

O conservadorismo atual está levando a uma radicalização de posições que não favorece os índios, nem resolve os problemas. Nesse confronto, radicalizar no uso das marcas de etnicidade pode ser uma armadilha perigosa. A espetacularização da cultura ou sua radicalização – promovida para corresponder às expectativas dos brancos, dos financiadores, do governo – fecha o diálogo e o avanço das questões que afetam a vida das comunidades indígenas.

#### Mobilização, associativismo e redes

Para romper o silêncio diante da diferença desqualificante e do colonialismo, é necessário trabalhar em rede nos níveis local, nacional e global e em associação com todos aqueles que compartilham as mesmas ideias, ou estão próximos delas.

Com o avanço da comunicação, as questões globais invadem as realidades nacionais e locais através da internet, da televisão e do rádio. Por outro lado, muitos episódios antes considerados como de dimensão local atingem níveis de divulgação mundial. Um exemplo dessa viagem transversal das informações que muito rapidamente saem do contexto local para o global são as reivindicações indígenas e as denúncias contra os desmandos de diferentes esferas da sociedade nacional e do Estado que afetam a vida das comunidades indígenas. Um caso exemplar em 2013 foi a divulgação da página "Resistência Terena", veiculada no Facebook, que apresentou uma versão do caso das retomadas de terra em Mato Grosso do Sul completamente diferente daquela difundida pela grande mídia.

A sociedade é um campo de disputas e conflitos, seja por controle de territórios, seja por cidadania, políticas públicas, participação política etc. Assim, é preciso que os indígenas saibam posicionar-se nesse campo para apontarem suas ações para resultados efetivos. A criatividade e a experiência indígena podem trazer incontáveis soluções para o mundo moderno, desde que o debate seja aberto, franco e legítimo.

Fazer uso das ferramentas do mundo moderno é não só importante, mas também extremamente positivo, porque esses novos instrumentos, na maioria das vezes, baixam os custos das ações, aumentam as escalas e as tornam mais rápidas e efetivas. Vamos pensar agora como a identidade indígena atua em rede na conquista de direitos e de melhorias de vida. As ações das organizações indígenas nos níveis local, nacional e global ajudam a entender esse quadro.

O *nível local* está marcado pelo associativismo, que pode representar uma comunidade, uma etnia ou grupos diversos, como os de mulheres, jovens, pescadores, agricultores, produtores culturais, entre outros. O associativismo pode ser informal e representar grupos políticos, artísticos, culturais que não recebem verbas ou financiamentos, que não têm CNPJ ou sede, mas que atuam para mostrar demandas e buscam mudanças na sociedade.

Para os povos indígenas, esse associativismo local aparece através das organizações indígenas de base. Um exemplo é o Conselho Geral da Tribo Ticuna – CGTT, criado em 1982 em uma reunião de caciques ticuna. Em 1989 ganhou personalidade jurídica e em 1992 comemorou a demarcação de suas terras conforme os limites apontados pelos próprios indígenas. Não foi fácil. Muitas mortes e vários conflitos marcaram esse período, mas o associativismo das cerca de cem comunidades ticuna foi crucial para conseguir a demarcação do território do grupo.

Essa luta foi fundamental não apenas para a conquista da terra, mas também para consolidar identidades coletivas, o sentimento de grupo, os simbolismos e as místicas, projetos e utopias construídos paralelamente à luta pela terra. As formas de associativismo são também importantes porque são de longa duração, permanecem de uma geração para outra e ajudam a formar as novas gerações, que futuramente irão conduzir os processos sociais e políticos.

O *nível nacional* de mobilização é chamado de articulação de organizações. São ONGs ou entidades que representam as diversas formas de associativismo local em face do Estado e da sociedade nacional.

As primeiras articulações de organizações e as mais destacadas são:

APOINME – Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo.

ARPINSUDESTE – Articulação dos Povos Indígenas da Região Sudeste

ARPINSUL – Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul

ARPIPAN – Articulação dos Povos Indígenas do Pantanal

Aty-Guassu – Grande Assembleia do Povo Guarani

CIR - Conselho Indígena de Roraima

COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

Essas organizações têm um papel muito importante na formulação de políticas públicas e na defesa de direitos. Outras organizações também têm abrangência nacional, atuando em setores mais definidos, como o Centro Indígena de Estudos e Pesquisa – CINEP. Há também mobilizações da juventude e de estudantes indígenas como a REJUIND, Rede de Juventude Indígena, no Facebook.

Os chamados fóruns da sociedade civil, governamentais ou não governamentais, são um espaço importante de transformação social e negociação com o Estado e o mercado. Como exemplo, temos o Fórum de Defesa dos Direitos Indígenas – FDDI, que reúne organizações indígenas e indigenistas para dialogar e cobrar posições do governo. O FDDI teve como principal forma de mobilização o evento chamado "Abril Indígena – Acampamento Terra Livre" que levou, anualmente, quase mil lideranças indígenas de base para grandes reuniões realizadas no gramado em frente ao Congresso Nacional, entre os anos de 2004 e 2012. Essa mobilização teve um papel muito importante em campanhas de demarcação de terra, como a da reserva Raposa Serra do Sol (RR), e no rumo da consolidação da participação indígena na formulação de diversas políticas.

Outros espaços importantes são os conselhos da sociedade civil – conselhos distritais, municipais, estaduais e nacionais – que tratam de saúde, educação, meio ambiente e todas as políticas públicas.

O nível global pertence a todos, incluindo o local e o nacional. Tradicionalmente, ao pensarmos em organismos globais, listamos ONU, OEA, OIT, Mercosul, Unesco, empresas multinacionais. Eles formam um campo de inúmeras oportunidades ou caminhos onde as disputas contra a desigualdade e a exclusão devem orientar a maior parte das ações. Fóruns, redes e diversas outras ferramentas, principalmente aquelas apoiadas na internet (que têm baixos custos e grande potencial de difusão), devem ser privilegiadas.

A nova realidade mundial aponta para um novo modelo de governança focada na participação cidadã através de redes de organizações locais, nacionais e globais que atuam de forma articulada e engajada pela defesa da democracia e da diversidade. Porém, para que esses movimentos promovam mudanças efetivas, é preciso ter consciência de que a disputa está aberta e que os setores conservadores usam de todos os recursos disponíveis para manipular, esconder e cegar a visão da maioria, visando manter as estruturas corruptas, viciadas e excludentes que hoje vigoram. Nesse enfrentamento, a comunicação é uma arma muito importante para os povos indígenas. Por isso preparamos este livro.

## Capítulo 3

## A produção de conteúdos

Com a difusão das conexões de internet por banda larga, os conteúdos em vídeo passaram a dominar o tráfego de dados. O YouTube é responsável por 20% do tráfego móvel da internet no mundo. Todos aqueles que de algum modo trabalham com vídeos precisam estar atentos às novas oportunidades que a internet oferece ou irá oferecer no futuro. Hoje em dia é possível ler bons textos na internet sobre qualquer assunto. As emissoras de rádio *online* (pagas ou gratuitas) aumentaram o acesso a conteúdos de áudio. Também artistas de todas as partes do planeta vêm lançando seus trabalhos na internet em *sites* individuais ou coletivos. Isso sem falar na Wikipédia, a maior enciclopédia virtual do mundo.

A Wikipédia é uma enciclopédia cujo conteúdo é livre e foi construída de forma colaborativa. Isto significa que os conteúdos podem ser livremente copiados, alterados e redistribuídos por terceiros, desde que sejam dados os devidos créditos. É importante lembrar também que, por sua natureza aberta, muitas vezes a Wikipédia apresenta informações incompletos, desatualizadas, ou mesmo erradas.

Toda informação obtida na Wikipédia deve ser checada em outras fontes.

A comunicação é uma das maiores ferramentas de participação social e exercício de direitos. Seu caráter transversal interage com todas as áreas do conhecimento. Por isso é tão importante pensar na qualidade dos conteúdos produzidos.

Vamos agora discutir os eixos temáticos mais importantes na produção de conteúdos para uma mídia indígena.

As pessoas entram na web para buscar diferentes tipos de informação. É possível classificar os sites segundo as informações que eles oferecem. Para facilitar a seleção e o acesso a esses sites, organizamos cinco eixos temáticos: educação, saúde, cultura, memória e informação.

#### Eixo da educação

O audiovisual foi inserido em grande escala na didática educativa na década de 1980, quando a interação do vídeo com a educação teve duas experiências pioneiras: os telecursos e o videocassete em sala de aula. O Telecurso permitiu levar a educação para onde não existia escola ou professor. O videocassete possibilitou ao professor levar para a sala de aula conteúdos audiovisuais antes inacessíveis. Com a popularização da internet, esses métodos estão passando por grandes transformações e estamos presenciando o surgimento de novos métodos para a difusão de informações no campo da educação.

O internauta já não é mais o antigo espectador que apenas recebia os conteúdos. Os novos métodos são mais interativos e estão mudando a forma como as informações são organizadas, transmitidas e recebidas. Hoje temos até cursos superiores com a maior parte dos conteúdos em videoaulas ou aulas por sistema de videoconferência, que reúnem alunos de diversas localidades do país e um professor em um estúdio de TV. A mudança fundamental que estamos observando é o surgimento de uma nova forma de ensinar, na qual o conhecimento não resulta apenas da exposição de conteúdos, mas da constante intervenção dos participantes através da troca de informações entre todos, sejam eles alunos ou educadores.

#### Eixo da saúde

A aplicação do audiovisual na área da saúde remete principalmente à medicina preventiva e à difusão de informação para que a população esteja mais preparada para lidar com as principais endemias, epidemias e outras questões de saúde coletiva. A comunicação tem sido usada em campanhas para vacinação; alertas sobre DST e Aids; cuidados básicos de higiene; gravidez na adolescência; alcoolismo; câncer de mama. Uma outra aplicação importante das mídias audiovisuais na área da saúde indígena é a vigilância no investimento público através da internet e a possibilidade de denunciar por meio de registros em vídeos as precárias condições de atendimento aos indígenas de todo o país.

#### Eixo da cultura

É o eixo mais abrangente, porque de certa forma perpassa todos os outros. A cultura informa o modo de trabalhar com a educação e a saúde, assim como o modo de fazer cada coisa no interior da vida social. O modo de vestir, de falar, a música, os mitos, a língua, tudo existe e varia de um povo para o outro, porque cada povo tem sua cultura. A cultura é um recurso que pode ser acionado em várias situações, como no caso da luta pela terra. Por outro lado, sua maior importância é manter os laços do grupo de modo a viabilizar a construção de um projeto coletivo de futuro.

Uma produção audiovisual no eixo da cultura pode ser feita usando o formato documental, que capta momentos do cotidiano, entrevistas, cenas da natureza; ou o formato ficcional, no qual as cenas são representadas com o objetivo de serem registradas.

#### Eixo da memória

Abarca os registros audiovisuais que retratam fatos ou passagens relevantes para guardar e interpretar o passado. São relatos sobre regiões, localidades, pessoas, acontecimentos que são alvo de interesse por trazerem à tona questões relevantes para a sociedade. Podem ser feitos no local dos acontecimentos, ou remontados por meio de depoimentos. As entrevistas gravadas são um excelente recurso para o resgate de histórias não oficiais e de fatos ligados às sociedades que não têm por hábito o uso da escrita.

#### Eixo da informação

É aquele que permite a produção, o armazenamento e a circulação de informações. Ações do movimento indígena, acontecimentos políticos, troca de experiências podem ser partilhados. Como exemplo, através de sua página no Facebook, a Rede de Juventude Indígena – Rejuind promove uma importante articulação e disponibiliza informações úteis, auxiliando na formação intelectual e na atuação política de jovens e profissionais indígenas.

Estes eixos temáticos orientam nossas escolhas e ajudam a estabelecer os parâmetros na definição dos conteúdos a serem trabalhados. Na verdade, essa escolha não é simples e muitas vezes nos damos conta de que dois ou mais eixos estão entrelaçados, sendo difícil separá-los. O importante é termos consciência de que essas dimensões existem de modo diferenciado em cada trabalho e que elas formam uma base para todos os nossos questionamentos.

Considerando que o conteúdo audiovisual compreende uma produção de áudio, vídeo e texto, que envolve estratégias de produção, divulgação e distribuição, vamos focar o estudo neste formato. Definido o eixo no qual você vai trabalhar, o primeiro passo de uma produção é a avaliação geral dos meios e das metas. Essa avaliação é feita através de três perguntas básicas:

- 1. O que produzir?
- 2. Para quem?
- 3. Com que objetivo?

A partir das respostas a estas perguntas, você está preparado para fazer as melhores escolhas técnicas e práticas para que o seu produto atinja o objetivo desejado, tanto na fase de realização quanto na divulgação e na transmissão de informação.

Nos próximos capítulos vamos descrever em detalhes as principais etapas de uma produção de conteúdo audiovisual: a construção do argumento, a pesquisa, a elaboração do roteiro, a captação de imagem, do som, a edição e a distribuição de um vídeo.

36 BRUNO PACHECO DE OLIVEIRA

# Capítulo 4

# Argumento, pesquisa e roteiro

A escrita do roteiro deve ser precedida por duas outras etapas indispensáveis ao bom resultado do trabalho. A primeira delas é a escolha do argumento do vídeo, e a segunda é a elaboração de uma pesquisa para detalhar o tema apresentado no argumento. Vamos então falar de um modo um pouco mais detalhado de cada uma dessas etapas.

#### O argumento

O argumento apresenta o eixo temático do vídeo, a trama a ser desenvolvida e as ideias que você quer discutir. O argumento deve ser um texto curto, poucos parágrafos, não mais que uma página. Orientados por esse argumento inicial, partimos então para a pesquisa de modo a verificar a viabilidade de sua execução.

## A pesquisa

A pesquisa parte do argumento para munir o roteirista de todas as informações necessárias à elaboração de um bom roteiro. A pesquisa é o início da produção, é sua base. Fazer a pesquisa de forma organizada e com método apropriado representa uma grande segurança para alcançar os objetivos estabelecidos. Pesquisar é reunir o máximo de material relevante, refletir e organizar tudo que diz respeito ao argumento do vídeo.

Também é muito importante pesquisar referências que possam ajudar na concepção do vídeo: escolha dos cenários, figurinos, trilha sonora, assim como a abertura e o encerramento do vídeo. Quanto mais abrangente for a pesquisa e mais bem feita a sistematização das referências, mais fácil será encontrar o caminho desde o roteiro de filmagem até a edição final.

Hoje existem vários sites que podem facilitar o trabalho de pesquisa com textos, reportagens, imagens, músicas, vídeos, entre outros. Ao realizar a pesquisa na web, você pode aplicar "filtros" que restringem a busca a sites em português, ou publicados no Brasil. Pode-se também colocar filtros para selecionar sites de imagens, áudios e vídeos. Podem ainda ser feitas buscas por período de tempo,

como, por exemplo, uma busca para as últimas 24 horas, a última semana, um mês, um ano.

Os sites de busca ajudam muito na hora da pesquisa, mas precisam ser bem operados. Com tanta oferta de informação, temos que saber distinguir o que é relevante. Quanto mais você navega, mais aprende a reconhecer os sites confiáveis e os caminhos mais seguros e proveitosos da web.

Não pense que pesquisar é só entrar no primeiro *site*, copiar e colar!

O recurso "copiar" e "colar" torna tudo muito tentador, mas reduz a capacidade das pessoas de produzirem suas próprias sínteses.

O trabalho de pesquisa supõe uma autoria. Você deve ler, ouvir, ver e selecionar aquilo que é realmente relevante para o seu roteiro.

#### Algumas técnicas que podem ajudar na sua busca:

- o uso das aspas "...": ao colocar duas ou mais palavras entre aspas, você faz a busca exata por aquelas palavras. Por exemplo: se colocar Pedro Silva sem aspas você estará pesquisando todos os Pedro e todos os Silva. Se colocar "Pedro Silva" entre aspas, estará buscando apenas os "Pedro Silva". O mesmo acontece com buscas mais complicadas;
- busca por formatos específicos: se quiser pesquisar textos e imagens nos formatos PDF, JPG, DOC, digite no campo de busca a palavra FILETYPE:PDF (FILETYPE:JPG ou FILETYPE:DOC) e a busca resultará em uma listagem de documentos no formato indicado.

Nas páginas de resultados de um *site* de busca, veja as primeiras palavras que acompanham cada resultado. Fique atento também às extensões e aos endereços dos *sites* citados. Eles podem dizer muito sobre o grau de credibilidade das fontes e sobre as informações apresentadas.

#### Ao fazer uma busca:

Evite palavras genéricas ou com múltiplos significados;

Não coloque palavras desnecessárias, como advérbios e preposições;

Seja o mais preciso possível para obter as informações desejadas em um menor número de resultados.

Seja crítico. Olhe com atenção a data das publicações para evitar equívocos. Frequentemente você encontra informações erradas ou falsas. Além disso, até mesmo livros, enciclopédias e *sites* de grandes instituições mostram pontos de vista ou "a filosofia" dos seus responsáveis, que podem não refletir a realidade dos fatos. A informação que você vai utilizar em sua pesquisa tem que ter base comprovada e confiável. Cuidado com opiniões particulares de empresas ou instituições que não têm uma sólida reputação na área da sua pesquisa. Questione os objetivos das suas fontes: você está consultando um *site* de publicidade, educativo, institucional, científico? Quais as questões ideológicas, morais, religiosas, éticas, comerciais que estão sendo ali apresentadas?

O Google é o *site* de busca mais utilizado, mas existem outras opções de buscadores e outras formas de se obter informação na internet, como os *sites* e os portais especializados, assim como os *blogs*, os fóruns e as redes sociais.

Outras fontes importantes são as chamadas bibliotecas virtuais. Veja no final do livro uma lista de bibliotecas virtuais que hoje são referência para todos os pesquisadores.

Sempre atribua os créditos do material utilizado na sua pesquisa, informando onde a informação foi obtida, com o endereço do *site* e, quando possível, o nome do autor. Verifique se existe alguma menção a direitos autorais e certifique-se de que não há restrição de uso de imagem, áudio ou texto.

#### O roteiro

De posse do argumento e das informações levantadas pela pesquisa, podemos então fazer uma avaliação das condições reais de execução do vídeo. Só então, e não antes, é que o roteiro deve ser elaborado. Um bom roteiro apresenta uma boa história, mas também todas as informações necessárias à visualização dessa história no vídeo. O roteiro nasce antes da obra e funciona como um mapa do que vai ser feito. Na prática, trata-se de um texto contendo a descrição da história, cena por cena, enquadramento por enquadramento. Dele devem constar ainda as soluções para os problemas técnicos e artísticos que precisam ser previstos antes da gravação: fala dos atores, figurinos, local de gravação, música, sons, entre outros.

O autor de um roteiro é livre para contar sua história. Mas existem algumas regras que ajudam a chegar a um bom resultado porque facilitam a construção da narrativa. O modelo sugerido abaixo é composto de três partes, ou atos (regra dos três atos). A palavra "ato" foi inspirada nos textos de teatro:

- apresentação (1º. ato): contém cerca de 25% do roteiro. Nele apesentamos os personagens principais, a situação inicial e indicamos a "tensão" principal do vídeo. O assunto da história deve ficar claro até o final deste ato.
- confrontação (2°. ato): contém cerca de 50% do roteiro. Ela põe os personagens principais em ação, aumenta a tensão e deve ampliar o grau de envolvimento do espectador. O segundo ato é a jornada do personagem principal, superando seus obstáculos para tentar resolver a questão fundamental da história.
- resolução (3°. ato): contém cerca de 25% do roteiro. Amarra a trama e leva o espectador a um final satisfatório. É quando ocorre a última batalha, conduzindo a trama à vitória ou à derrota. Com os conflitos resolvidos, põe-se o ponto final na história.

Na elaboração de um roteiro é importante ter claro se vamos trabalhar com uma narrativa de ficção ou um documentário. Feita essa escolha, uma boa técnica para começar o seu roteiro é recorrer a dois exercícios simples, adequados a cada tipo de narrativa.

No caso de um roteiro para ficção, podemos ter um argumento mais fechado e um roteiro mais detalhado, permitindo a preparação de cenas e sequências. Para isso:

- distribua o argumento em cerca de 10 tópicos, de modo a contemplar toda a narrativa, usando a proporção da regra dos três atos;
- divida cada um dos 10 tópicos em uma sequência de cenas, numerando cada cena e trabalhando cada uma delas separadamente. Feito esse trabalho, você terá uma sequência detalhada do que pretende mostrar com o vídeo, o que facilitará muito a elaboração final do roteiro.

Durante a preparação do roteiro é importante manter dois níveis de detalhamento caminhando paralelamente: imagem e som (vídeo e áudio). Também é importante fazer uma estimativa do tempo de duração de cada cena. Somando os tempos de todas as cenas, temos uma previsão da duração total da obra.

Vejamos um exemplo:

Cena 03 - Chegada em Boa Esperança.

Resumo: André e Júlio encostam o barco na margem e são recebidos por João.

Duração: aproximadamente um minuto.

**Vídeo** – Imagens do barco chegando, rostos das pessoas na margem, plano aberto de André e Júlio saindo do barco. João chega para receber os visitantes.

Áudio 1: barulho de motor do barco chegando.

Áudio 2: som ambiente no porto da comunidade de Boa Esperança.

Áudio 3: trilha sonora (nome da música).

Áudio 4: João recebendo André e Júlio (cumprimento tradicional do grupo).

No caso de um roteiro para documentário, enfrentamos sempre uma margem maior de imprevisibilidade. É necessário ter um plano de filmagem que seja bem calcado na pesquisa para que você não perca o seu foco em meio a fatos inesperados. O roteiro de filmagem de um documentário inclui principalmente pautas para entrevistas e descrição dos registros de imagens necessários para ilustrar a história.

Vamos tomar como exemplo uma entrevista com uma liderança indígena:

- organizar a pauta da entrevista (evitar se perder em temas que fogem do almejado);
- planejar o tempo previsto para a entrevista, separando de forma equilibrada os temas a serem tratados. Uma entrevista muito curta ou muito longa pode prejudicar a montagem final do vídeo;
- escolher bem o local onde a entrevista vai ser feita. Buscar boas condições de luz e som e padronizar as diferentes entrevistas, caso existam outras;
- colocar o entrevistado em posição confortável para que ele se concentre na entrevista;
- deixar sempre para o final as perguntas mais delicadas, de modo que o entrevistado já se sinta mais à vontade para responder.

Seguindo estas regras, você terá um bom começo e com o tempo irá descobrindo suas preferências e caminhos mais pessoais que garantam a "assinatura" de seus trabalhos.

# Capítulo 5

# A captação da imagem

#### Imagem fotográfica

A fotografia constrói imagens a partir de uma câmera por meio de exposição à luz, uma técnica que atrai o interesse de cientistas e artistas desde o começo de sua história, no início do século XIX. Seu uso vai desde fotos artísticas, jornalismo, registros pessoais até experiências científicas que usam a capacidade de fazer reproduções precisas, tanto nas ciências exatas quanto nas ciências sociais, naturais ou biomédicas.

Já os artistas exploram outros caminhos além da representação fotomecânica da realidade. A chegada da fotografia mudou sensivelmente até mesmo os conceitos da pintura, que se libertou do fardo de reproduzir o real para produzir emoção no espectador. A fotografia também é uma poderosa ferramenta no processo de investigação histórica, social, geográfica, etnográfica e econômica, atuando na educação, ajudando o professor no ensino/aprendizagem e alinhando os recursos tecnológicos aos conhecimentos na estratégia de ensino. Fotografias aéreas e de satélites são utilizadas para levantamento de dados sobre desmatamento, clima e questões territoriais. Mesmo os órgãos de segurança pública usam a fotografia: fazem identificação, vigilância e armazenamento de dados.

Nada acontece hoje nas comunicações sem comprovação fotográfica. Isto é ao mesmo tempo uma expansão do uso da fotografia e um risco, porque nos leva a acreditar que uma fotografia é a reprodução exata da realidade fotografada. Através do modo como enquadra uma foto, o fotógrafo pode passar diferentes ideias da cena fotografada. Este fato nos faz entender que a fotografia é o olhar do fotógrafo sobre a cena que ele fotografa.

A tecnologia digital vem modificando drasticamente alguns paradigmas que norteiam esse universo. Os equipamentos oferecidos a preços cada vez menores disponibilizam recursos mais sofisticados, com melhor qualidade de imagem e principalmente facilidade de uso. Um tipo de fotografia que há dez anos atrás só podia ser feita por um fotógrafo profissional está hoje ao alcance de muitas pessoas. A simplificação dos processos de captação, armazenagem e reprodução de

imagens no ambiente digital, aliada aos recursos da informática, tem ampliado e democratizado o uso da imagem fotográfica. A incorporação das máquinas fotográficas aos aparelhos de telefone celular e a facilidade de distribuição através de redes sociais levaram definitivamente a fotografia para o cotidiano das pessoas.

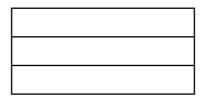
A fotografia digital é obtida a partir de uma câmera digital, resultando em um arquivo de computador, que pode ser editado, impresso, enviado por *e-mail* ou armazenado em discos, ou na *web*. Nos últimos dez anos, o preço dos componentes eletrônicos caiu, a qualidade da imagem melhorou muito e as câmeras digitais se tornaram produtos de consumo em escala mundial. Na fotografia digital, a luz sensibiliza um sensor, chamado CCD ou CMOS, que por sua vez converte a luz em um código eletrônico digital (matriz de números) que é armazenado em um cartão de memória.

A recente evolução tecnológica facilitou bastante a captação da imagem, aperfeiçoou a qualidade de reprodução e a rapidez do processamento, mas muito pouco foi alterado nos princípios básicos da fotografia: quadro, foco, obturador e diafragma permanecem como pilares desta técnica.

## Procedimentos para o controle da câmera:

#### Enquadramento (ou quadro)

Enquadrar uma foto é definir a posição da câmera, o ângulo, o ponto de vista, a relação do objeto em foco com as outras informações nas margens da imagem. O bom enquadramento, com equilíbrio de massas e linhas, produz a dramaticidade e a estética necessárias a um bom resultado. Para isso existem alguns princípios universais. Você pode observar nas fotos profissionais que o objeto principal raramente está no centro da imagem. Os fotógrafos usam, em geral, uma importante regra para a composição de uma imagem: a regra dos terços.



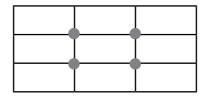
Procure colocar a maior linha horizontal da foto (normalmente o horizonte) sobreposta a uma das duas linhas horizontais da figura acima. Com isso você cria imagens mais harmoniosas.

## Horizonte no terço superior



Boia de rede de malha, Paraty, RJ, 2005. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

Divida o enquadramento em nove partes, como em um jogo da velha. Os quatro pontos onde as linhas se cruzam são áreas de maior interesse.





Barco pesqueiro, Paraty, RJ, 2005. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

Não fique preso à regra dos terços. Ela é um guia para garantir fotos menos amadoras, mas criatividade e liberdade também são essenciais.

#### A técnica fotográfica

Um conceito básico vale para a foto analógica e para a digital: uma foto é exposição à luz, por isso varia segundo a abertura do diafragma (que determina a quantidade de luz), multiplicada pela velocidade do obturador (que determina o tempo de exposição). Dessa combinação resulta a foto, a profundidade do campo fotográfico e o grau de corte temporal do modelo fotografado.

Vamos desconstruir um pouco esse conceito básico que pode parecer bem confuso para iniciantes.

#### Diafragma (luz)

Permite regular a quantidade de luz à qual o material fotossensível é exposto. O valor do diafragma se dá através de números, conhecidos como números f ou f-stop, que seguem um padrão universal: 1, 1.4, 2, 2.8, 4, 5.6, 8, 11, 16, 22, 32, 45, 64 etc. Quanto menor for o número f, maior a quantidade de luz que o obturador permite passar; e quanto maior o número f, menor a quantidade de luz.

#### Obturador (tempo de exposição)

O tempo de abertura do obturador também define a quantidade de luz que vai ser exposta no processo de captação da imagem. Porém, se a câmera recebe luz durante um segundo, vemos com boa fidelidade apenas as imagens estáticas. Perde-se o registro das pessoas ou dos objetos em movimento. Para registrar com nitidez cenas em movimento em uma fotografia, precisamos de uma alta velocidade do obturador, ou seja, uma exposição de fração de segundos.

O tempo de exposição é dado no formato 1/x , sendo que x representa uma fração de segundo. Os valores comuns são:

1/8000 s	1/30 s
1/4000 s	1/15 s
1/2000 s	1/8 s
1/1000 s	1/4 s
1/500 s	1/2 s
1/250 s	1 s
1/125 s	B (de <i>bulb</i> ): mantém o obturador aberto enquanto
1/60 s	o botão do disparador estiver pressionado.

## Combinação da abertura do diafragma com a velocidade do obturador

Quanto menor é o tempo de exposição, menos luz é absorvida no interior da máquina, e maior é a abertura necessária do diafragma para se obter uma exposição correta.

#### Tripé

Ao selecionar uma velocidade do obturador, devemos verificar se a câmera está realmente imóvel. Durante a exposição um mínimo movimento pode fazer com que a imagem fique tremida. Sempre que possível use um tripé ou apoio. Quanto mais firme estiver a câmera, mais baixa pode ser a velocidade do obturador. Esta é a melhor maneira de garantir o êxito de uma fotografia que exija um tempo longo de exposição.

#### Câmera na mão

Além de "congelar" a ação, a velocidade do obturador permite criar diversos efeitos para cenas em movimento. Se você estiver trabalhando com uma câmera na mão, procure cenas muito lentas ou a maior quantidade de luz.

## Foco e campo focal

O foco é um sistema que torna a imagem nítida no ponto de convergência dos raios de luz e funciona de forma independente da ação do diafragma e do obturador. O ajuste do foco se dá exclusivamente por meio de um cálculo da distância entre a câmera e o objeto principal. Entretanto, o campo focal está ligado ao diafragma e ao obturador. O campo focal é a área da foto onde a imagem se apresenta com maior definição (ou foco). Diferentes valores de abertura do diafragma geram diferentes efeitos de profundidade no campo focal. Ou seja, diafragmas mais fechados que pedem obturadores mais lentos proporcionam maior campo focal, enquanto diafragmas mais abertos que pedem obturadores mais rápidos reduzem o campo focal.

#### Lentes

As lentes em torno de 43mm são consideradas normais por possibilitarem um campo de visão semelhante ao do olho humano. Existem ainda outros tipos de lente:

- as lentes teleobjetivas são aquelas com valores acima de 150mm. Uma objetiva de 300mm equivale a um campo de visão de 12 graus;
- as lentes angulares são aquelas com valores inferiores a 50mm. Uma lente angular de 24mm equivale a um campo de visão de 75 graus;
- as lentes macros são aquelas que permitem fotos a uma distância muito pequena, de 3 a 4 centímetros. Este tipo de fotografia captura os mínimos detalhes dos objetos, mesmo aqueles imperceptíveis ao olho humano. São utilizadas geralmente para insetos, pequenos objetos, flores, fotos científicas etc.

# Foto usando lente teleobjetiva



Evo Morales em seu discurso de posse em Tiwanacu, Bolívia, 2006. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

# Foto usando lente grande angular



Quinta da Boa Vista, RJ, 2013. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

#### Foto usando lente macro



Jardim da Princesa, Museu Nacional, RJ, 2013. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

O primeiro passo para tirar uma boa foto ou gravar uma cena em vídeo é avaliar a cena, pensar na luz e no quadro, antecipar os movimentos.

O segundo passo é o mais delicado: o clique tem que ser disparado no momento decisivo para captar o clímax da cena. O disparo certeiro é a principal característica sensitiva do fotógrafo.

# O momento do clique

Grande parte das fotos que fazemos envolve algum tipo de movimento, poucas são as fotos posadas (como retratos) ou imóveis (como paisagens). Além de todos os cuidados técnicos, é importante ter o olhar atento parar "clicar" a cena no momento certo. Quando uma cena combina vários movimentos, é preciso ficar ainda mais atento.

#### O controle dos movimentos



Mulher pankararu, Brejo dos Padres, PE, 2007. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

## A iluminação

A regra número um da iluminação para iniciantes é posicionar o objeto de frente para a fonte de luz (sol, lâmpadas, lua, fogo). Dessa maneira, dificilmente você perderá o seu registro. Note bem que usei a palavra registro. Nessas condições, você garantirá a preservação da cena, mas pode não estar explorando todo o seu potencial fotográfico.

O problema básico da luz frontal é que a foto perde em profundidade, nos volumes e nos contornos. A luz frontal é usada principalmente como correção ou preenchimento, por exemplo, para iluminar um rosto, evitando sombras em um plano aberto. Usamos a luz frontal prioritariamente em situações em que o fotógrafo quer destacar a textura dos objetos, em detrimento da forma.

Trabalhando em um estúdio fotográfico onde o fotógrafo tem controle da luz, é recomendável usar o seguinte cálculo:

Luz frontal = 1x: Contraluz = 2x

Quando você estiver fotografando um evento, procure fazer a cobertura fotográfica mais completa possível. Faça a maior variedade de planos, desde os mais abertos (planos gerais) até os mais fechados (detalhe ou *close*).

# Plano aberto (ou plano geral)



Manifestação popular na posse de Evo Morales, La Paz, 2006. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

## Plano fechado (close)



Homem tupinambá. "Abril Indígena", Brasília, DF, 2005. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

# Registro com luz frontal com lente normal



Manifestação popular na posse de Evo Morales, Tiwanacu, Bolívia, 2006. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

## Registro com luz frontal com teleobjetiva



Grupo cultural, Aldeia Maturuca, Tl Raposa Serra do Sol, RR, 2006. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

# Registro em contraluz



Praiás pankararu, Brejo dos Padres, PE, 2006. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

# Registro em contraluz



Zezinho Koiupancá, "Abril Indígena", Brasília, DF, 2005. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

# Registro de silhueta



"Abril Indígena", Brasília, DF, 2005. Foto: Bruno Pacheco de Oliveira

Para tirar boas fotos, você deve se preocupar não apenas com o registro da cena, mas principalmente com a qualidade da imagem.

Arrisque-se no contraluz!

58 BRUNO PACHECO DE OLIVEIRA

# Capítulo 6

# Gravação de vídeos: imagem em movimento

A projeção de imagens em movimento se dá através de um simples efeito de animação que passa, em média, 30 fotos por segundo em sequência, criando uma sensação de movimento. Cada foto desse conjunto é chamada *frame* (em português, quadro). O cálculo de 30 *frames* por segundo foi estipulado porque um *frame* é a menor unidade de tempo que pode ser captada pelo olho humano. Os conceitos de luz e quadro, usados para as imagens em movimento, assim como as diferentes opções de lentes, seguem o mesmo padrão tratado na fotografia.

É de grande ajuda passar a imagem da câmera para um monitor maior que permita uma melhor visualização.

Algumas máquinas têm saída de vídeo simultânea à gravação, permitindo o monitoramento da cena.

Pode ser usado um monitor de computador ou uma TV.

As câmeras de vídeo digital disponíveis em larga escala no mercado trabalham com sistemas de regulagem automática de luz e foco que são bastante eficientes para dar segurança aos iniciantes.

À medida que você for aumentando o domínio sobre a sua câmera sentirá necessidade de fazer ajustes de foco, luz e velocidade. O ajuste de luz (velocidade e diafragma) depende do conceito desejado pelo fotógrafo, que pode optar por fazer um plano com maior ou menor intensidade de luz, diferente do padrão que o sensor automático recomenda.

Outro sensor automático é o autofoco que apresenta um problema recorrente: quando o objeto principal não está centralizado no quadro, o foco automático com frequência escolhe o objeto errado, normalmente um objeto com maior contraste. No foco manual, desde que você mantenha a mesma distância (câmera/objeto), você pode mover-se à vontade e o foco se mantém sempre perfeito.

Uma dificuldade para a regulagem de luz e foco é a visualização da cena através dos visores das câmeras digitais que são muito pequenos, medindo cerca de três polegadas. Para auxiliar o ajuste do foco, temos uma dica importante. No caso de uma entrevista, posicione a câmera e prepare o quadro com o entrevistado. O melhor ângulo costuma ser o entrevistado descentralizado, o que oferece uma boa perspectiva de profundidade ao enquadramento. Você pode perceber que o foco automático não está no rosto do entrevistado. Para ajustar o foco, aponte para o rosto do entrevistado usando o *zoom* (ou a teleobjetiva) e deixando a imagem o mais próxima possível. O sensor automático vai dar o foco perfeito para esta cena, fechada no rosto do entrevistado. Feito isso, você desliga o sensor de foco automático e passa para a opção manual. Depois, volta à posição do enquadramento desejado e pode gravar por todo o tempo necessário. Mesmo que ocorra uma mudança de luz, seu entrevistado estará permanentemente em foco.

Se você optar por usar sempre o foco manual, use o mesmo processo de *zoom* descrito acima, procurando as linhas mais finas que a imagem apresenta. Normalmente, olhar a sobrancelha do entrevistado permite fazer o foco com excelente grau de precisão.

#### Cuidado!

A maior armadilha para um operador de câmera iniciante é o uso do zoom. Câmeras pequenas apresentam sérios problemas de estabilidade da imagem e o zoom potencializa muito esta deficiência. Não use o zoom, vá até o objeto. Se você estiver usando a câmera na mão, o melhor é esquecer que o zoom existe. Quando o zoom for indispensável, recorra a um tripé ou outro suporte improvisado. Um saco de arroz em cima de uma mesa ou cadeira pode ser uma boa base para a sua câmera. Um muro, uma árvore, qualquer apoio disponível é melhor que estar solto na hora de usar o zoom.

62 BRUNO PACHECO DE OLIVEIRA

# Capítulo 7

Captação de som

O som é trabalhado em três momentos distintos da realização de um vídeo: na preparação da gravação, na gravação e na edição do som. Em uma gravação você lida com vários tipos de som (som principal, som ambiente, sons de cobertura), que podem ser gravados juntos ou separadamente. Ao planejar o som, você deve pensar nestas três etapas e como elas podem se combinar, evitando ou minimizando problemas. Grave sempre o som direto da cena. Caso haja necessidade de dublagem, ele será usado como guia para a edição.

Durante as filmagens, mantenha anotações atualizadas de todos os registros sonoros. Nem sempre é possível, mas é recomendável ter ao menos uma pessoa da equipe somente para cuidar do som.

Na preparação da gravação uma boa captação de som exige muitos cuidados. O primeiro deles é a escolha do local da gravação. Se a gravação for em ambiente aberto, procure evitar ruídos aleatórios (vento forte, animais, rios, estradas, aeroportos, trânsito de rua etc.). Se for em ambiente fechado, procure controlar as condições de som, principalmente a reverberação excessiva, o popular "eco". O eco é muito comum em locais pequenos e fechados. Lembre-se que o eco captado será acrescido de mais reverberação na sala da exibição, o que comprometerá a inteligibilidade dos diálogos. Além disso, devemos evitar realizar gravações em locais próximos a pátios, cozinhas, corredores, onde ruídos aleatórios geralmente interferem no resultado da gravação.

Microfones, cabos, fones e acessórios precisam ser cuidadosamente testados antes da gravação. É importante ligar com antecedência microfones, cabos e fones à câmera ou ao gravador para verificar as condições de contato elétrico e as conexões entre eles. Gravar simulações dos diálogos contidos no roteiro para ambientar-se com os controles e os ajustes necessários na gravação também pode evitar graves problemas.

Antes da gravação, ensaiar os diálogos para ajustar o nível/volume de gravação. Para um nível normal de diálogo, o objetivo é obter, no medidor, uma modulação em torno de 65% ou 2/3, sem deixar que os picos de som ultrapassem o limite do medidor.

Hoje em dia, as câmeras fotográficas digitais têm alta qualidade e fazem vídeos melhores que muitas câmeras de vídeo disponíveis no mercado. Porém, quem optar por fazer vídeos com câmeras fotográficas deve ficar muito atento ao SOM, pois essas máquinas não possuem bons mecanismos de captação de áudio.

Na **gravação de áudio**, para obter um bom som, precisamos estar atentos a duas coisas: conseguir a melhor operação dos equipamentos de captação e garantir o menor nível de interferência de ruídos aleatórios que possam entrar em conflito com seu objeto principal.

Durante a gravação, o microfone deve ficar o mais próximo possível da fonte sonora. Em ambientes sem tratamento acústico, distâncias maiores que 40 centímetros já começam a comprometer a qualidade da captação. No caso da utilização de microfone de lapela, cuidado com roupas de tecido sintético e uso de colares e outros objetos pelo entrevistado. Mesmo a movimentação excessiva do ator ou do entrevistado pode comprometer o som.

Lembre-se que o microfone não tem *zoom*, recorra a uma vara para aproximar o microfone da fonte sonora.

Outro componente importante são sons de fundo que aparecem na gravação. É o caso das ondas do mar, dos ruídos de carros em grandes cidades, ou de animais. São exemplos de sons que você não consegue isolar e que bem aproveitados podem ambientar e apresentar uma informação adicional ou um sentimento específico a uma cena. Para ter segurança de que tais sons não vão brigar com o som principal da obra, esse fundo sonoro deve estar abaixo de 20% no modulador.

# Durante as gravações, não tenha vergonha de gritar SILÊNCIO!!

Ajustar o nível do som é tarefa que requer experiência. Existe sempre o risco de utilizar um nível muito alto de som e saturar ou distorcer a gravação. É frequente, por inexperiência, tentar evitar a distorção gravando em níveis muito baixos. Níveis baixos resultam na má relação som/ruído, o que prejudica a finalização da obra. Para evitar este problema, ajuste cuidadosamente o som. Feito isso, não alterne o uso de microfones, principalmente dentro de uma mesma sequência.

É recomendável gravar um minuto de som ambiente em cada situação de gravação de áudio. Isto poderá ajudar o editor durante a montagem.

Para a edição do som, é recomendável ouvir atentamente a gravação em uma ilha de edição, onde um bom monitoramento permite julgar de forma mais segura a qualidade obtida. Dessa forma, você poderá fazer os ajustes necessários para chegar ao melhor resultado na sua edição.

Ao planejar o som, você deve pensar nas três etapas apontadas acima e como elas podem se combinar evitando ou minimizando problemas.

# Capítulo 8

# Edição de vídeo

A edição é a montagem do quebra-cabeça, quando cada peça vai para o seu lugar. Para otimizar o fluxo de trabalho, geralmente as gravações não são feitas na ordem em que as cenas foram previstas no roteiro. Além disso, uma mesma cena é gravada diversas vezes, eventualmente em ângulos diferentes. A edição audiovisual consiste em selecionar as partes gravadas a serem utilizadas na versão final do vídeo, reordenar (ou montar) as cenas selecionadas e uni-las na sequência desejada. Embora supostamente a edição siga o roteiro, muitos novos arranjos acontecem. Em resumo, a etapa da edição é aquela na qual as imagens e os sons são ordenados na sequência em que o vídeo será apresentado.

O tempo e a ordem da edição definem a narrativa e o ritmo da obra.

## A ilha de edição

Uma ilha de edição tem como equipamento básico um computador com uma boa configuração, programas de edição e tratamento de imagem, além dos periféricos usuais (teclado, mouse, caixas de som). A edição é feita com o auxílio de um *software* (programa de computador), através do qual as imagens são selecionadas e ordenadas. Esses programas permitem realizar cortes na gravação, combinando imagens e sons de formatos diversos: vídeos, fotos, músicas, documentos, filmes etc.

A escolha do *software* de edição depende do computador e da disponibilidade de recurso para essa aquisição. Os *softwares* profissionais mais utilizados são o Avid e o Adobe Première (para plataformas Windows) e o Final Cut (para plataformas Apple-Mac OS). As principais plataformas (Windows, Mac OS ou Linux) disponibilizam também *softwares* gratuitos que vêm junto com o sistema operacional, ou podem ser baixados gratuitamente na *web*.

Com o material todo digitalizado e arquivado na memória do computador, o primeiro passo é sua organização, tarefa indispensável para a continuidade do trabalho. Sem organização o trabalho se torna caótico. Existem diversos caminhos para se alcançar este objetivo, mas o mais comum é dividir o material em sequências, conjuntos de cenas ou assuntos. Todo esse processo é feito no

ambiente digital, o que permite acesso instantâneo às imagens fora de qualquer sequência preestabelecida. Usando um programa de edição, a ordem das cenas pode ser alterada e as cenas escolhidas podem ser "empurradas", sobrepostas ou deletadas facilmente.

#### O corte

No trabalho de edição a coisa mais importante é acertar onde fazer os cortes de modo a dar uma boa continuidade ao vídeo, seja aparentando que as sequências correm naturalmente, seja provocando deslocamentos que, propositadamente, chamam a atenção do público.

O criador da linguagem cinematográfica moderna foi o cineasta russo Serguei Eisenstein (1898-1948), conhecido como o "inventor do corte". Antes de Eisenstein, um filme era apenas um agrupamento cronológico de cenas. Simplificando, era como filmar uma peça de teatro e depois reproduzi-la em tempo real. Em seus estudos sobre a linguagem da imagem em movimento, Eisenstein importou da literatura uma narrativa com pausas, descrições, ambientações e detalhamentos, idas e vindas de tempo, enfim, cortes narrativos.

A obra de Serguei Eiseinstein pode ser conhecida através de seus filmes (entre eles *O Encouraçado Potemkin,* 1925) e também de seus trabalhos teóricos (como o livro *Film Form,* 1949).

Este filme pode ser encontrado na internet, e o livro foi publicado no Brasil com o título *A forma do filme*.

A última etapa da edição é chamada finalização. Após o término do ordenamento dos planos são feitos os ajustes de som (tratamento e mixagem) e de imagem (luz, cor e quadro), incluídos os efeitos especiais (texturas e movimentos criados pelo computador), créditos e letreiros, e também a parte gráfica (animações, ilustrações e gráficos em geral).

#### Principais mídias (suportes) e formatos para audiovisual

O filme (ou película) é fabricado com um material fotossensível no qual a reflexão da luz imprime uma cópia da imagem nele refletida. O filme é um suporte à base de celulose com uma camada de sais de prata sensíveis à luz. Para captação de imagem em movimento, normalmente são usados filmes de 35mm, 16mm ou 8mm.

A fita magnética é uma fita plástica coberta de material fotomagnetizável que pode receber informações analógicas, digitais ou dados. As fitas analógicas mais utilizadas foram o Cassete, o VHS e a Betacam analógica. As fitas digitais mais utilizadas foram a Betacam Digital, a DVCam e a MiniDV. Hoje em dia, a maior parte das câmeras grava material em HDs internos ou discos removíveis (cartões de memória)

São utilizados ainda suportes em disco para armazenamento de dados: os discos rígidos (*Hard Disk*, ou HD, em inglês) podem ser internos ou externos ao seu computador. No caso dos discos externos, normalmente ficam conectados ao computador por cabos USB ou *firewire*. Os discos óticos mais conhecido são os CDs, os DVDs e o Blue Ray. O CD tem uma capacidade de 700 Megabytes (MB); o DVD tem uma capacidade de 4.7 Gigabytes (GB), podendo ter dupla camada, que expande para 8.5 GB; e o Blue Ray tem uma capacidade de até 54 GB, com dupla camada.

#### Como lidar com diferentes suportes

O entendimento sobre os suportes citados acima é importante para quem pretende trabalhar com material de acervo ou em pesquisa. Esses materiais precisam ser disponibilizados em formatos compatíveis com o *software* de edição. Hoje, a maior parte das produções é feita apenas em suporte digital e, no processo, passamos os conteúdos por diferentes HDs, seja da câmera, seja do computador de edição, ou do HD que recebe o seu acervo.

Lembre-se de que nenhum suporte é 100% seguro. Mantenha ao menos uma cópia de segurança de cada produto finalizado em um suporte diferenciado.

As cópias feitas pelo processo analógico acarretam sempre uma pequena perda de qualidade em relação ao original. Já as cópias digitais são baseadas em informação numérica (sistema binário) e podem ser transportadas várias vezes de um suporte para outro sem qualquer perda de qualidade.

#### Formatos para arquivos de audiovisual

Nas produções realizadas hoje em dia, a preocupação maior é com o formato do arquivo. Existe uma grande diversidade de formatos, vindos dos mais variados fabricantes, de todos os cantos do planeta: MP4, HDTV, HDV, FullHD. Mas cuidado,

MÍDIA ÍNDIO(S) 73

essas nomeações não são confiáveis, pois variam de acordo com o país ou o fabricante. O indicador mais seguro é o cálculo do número de pixels, em uma média que vai de 640x420 (VGA) até 1920x1080 (FullHD). O número de pixels normalmente é acompanhado da letra P ou I.

- P frames progressivos, cada frame contém uma imagem completa.
- I frames entrelaçados, cada frame contém 50% da imagem.

Sendo assim, o formato progressivo tem uma qualidade superior, mas por isso precisa de mais espaço nos HDs e também de uma maior capacidade de processamento dos computadores.

A escolha do formato tem que considerar essas diversas variáveis. Não há, portanto, uma fórmula pronta. No caso de existirem diversos formatos para montagem de um mesmo produto, o mais recomendado é, antes de começar a edição, você converter todo o seu material para um mesmo formato que seja adequado aos seus programas, às suas máquinas e ao espaço de armazenamento disponível.

74

## Capítulo 9

## Distribuição de vídeos

#### Ferramentas gerais de compartilhamento de vídeo

O YouTube, um site de compartilhamento de vídeos, é o serviço de vídeos mais popular da web; foi apontado pelo ranking Alexa como o terceiro site mais acessado no mundo. Lançado em 2005, foi comprado pelo Google em 2006; em 2008, foi considerado a melhor invenção do ano pela revista Time. O conteúdo do YouTube é predominantemente entretenimento, porém outros segmentos também vêm utilizando esta ferramenta para cultura, publicidade, política, educação e mobilização social.

Em alguns anos o YouTube tornou-se o maior arquivo audiovisual aberto do planeta. Nele encontram-se registros audiovisuais de diversos tipos, desde representações artísticas, rituais religiosos, programas de TV, músicas, manifestações folclóricas, registros históricos até uma infinidade de vídeos amadores originários de todas as partes do planeta, gravados com toda a sorte de equipamentos, desde os mais caros até celulares baratos. Além de compartilharem vídeos, os usuários do YouTube adicionam descrições, marcações, comentários e podem criar canais temáticos.

Outras empresas também oferecem serviços semelhantes, como o Vimeo e o Videolog. A grande maioria dos vídeos está disponível para qualquer internauta. A postagem requer um acesso restrito, mas que pode ser feito gratuitamente mediante um cadastro. Em qualquer caso, a operação é bastante simples.

Uma vez estando o vídeo disponível em um desses sites de compartilhamento, qualquer pessoa pode copiar o endereço ou URL e enviar aquele vídeo para outras pessoas através de *e-mails*, redes sociais e *blogs*. De posse do endereço, com um clique, as pessoas acessam e assistem a vídeos, sem que para isso seja preciso fazer *download* (baixar o arquivo da internet para o computador pessoal).

Copie este endereço e clique para ver o vídeo *Pisa Ligeiro* www.Youtube.com/watch?v=FseTLA9D4jg

#### Ferramentas de transmissão ao vivo - Streaming

Diversos serviços *online* se assemelham a uma pequena emissora virtual de transmissão de vídeos ao vivo ou sob demanda (quando o internauta escolhe que vídeo deseja ver). O objetivo do serviço é fornecer uma plataforma gratuita que permita gerenciar, além de transmissões por webcam em tempo real, vídeos hospedados em diferentes *sites*. Os mais populares neste segmento são o Justin-TV, o Ustream, o Live Stream e o Adobe Connect. Este tipo de serviço tem sido muito utilizado para transmissão de eventos, promoção artística e programação televisiva. É muito grande o potencial desses serviços se aplicados ao ensino a distância, na transmissão de palestras e eventos, ou mesmo como recurso para canais de TV independentes.

A popularização da internet nos aparelhos de celular também abriu novos horizontes e possivelmente, em breve, um grande número de pessoas poderá produzir ou receber conteúdos de áudio e vídeo ao vivo pelos aparelhos de telefonia móvel, a baixos custos.

## Capítulo 10

# Direitos autorais e direito de uso de imagem

Direito é uma matéria complexa que possui códigos e nomenclaturas próprias. Neste capítulo tentamos simplificar alguns desses princípios para que o produtor de conteúdo possa compreender a conjuntura em que está envolvido e quais os melhores caminhos para preservar seus direitos, garantir a distribuição de sua obra, sem ameaçar os direitos de outras pessoas.

O Direito não é uma ciência exata. É indispensável lembrar que não estamos presos aos textos da lei como fórmulas imutáveis. Devemos acompanhar a maneira como a lei é aplicada nos tribunais superiores, onde são frequentes diferentes interpretações e novas jurisprudências. Uma análise mais conceituada dos direitos de imagem e dos direitos autorais só pode ser feita analisando caso a caso. Nossa preocupação está voltada para essas duas situações que afetam diretamente aqueles que fazem vídeos e aqueles que aparecem nesses vídeos ou têm suas fotos e músicas neles incluídas: o direito de imagem e o direito autoral.

O direito de imagem diz respeito a todas as pessoas que são retratadas em foto ou imagens em movimento, como figuras principais ou não. Uma pessoa tem o direito de vetar a exibição de sua imagem, seja ela representada de forma concreta (fotos e vídeos), ou abstrata (pinturas, desenhos etc.). O instrumento utilizado para normatizar essa matéria e preservar o uso das imagens de pessoas em vídeos é o Contrato de Cessão de Direito de Imagem. Este contrato deve definir alguns parâmetros básicos:

- 1. Quem está cedendo a imagem para quem?
- 2. Para que a imagem está sendo usada?
- 3. Por quanto tempo e quantas vezes o uso da imagem fica autorizado?
- 4. A cessão de direitos envolve contrapartidas? Quais?

O uso da imagem para fins informativos (incluídos os fins educativos) é lícito na maioria dos países como desdobramento do direito coletivo à liberdade de informação. O direito de informar e de ser informado muitas vezes se confronta com o direito de imagem. No Brasil, na prática, estão isentos de autorização de

imagem os conteúdos jornalísticos e acadêmicos (educativos). Porém, o direito de imagem é calculado sempre levando em conta o valor comercial da obra. Sendo assim, grandes edições de livros didáticos (que possuem alto valor comercial) devem ter contratos de imagem, enquanto produções artísticas e culturais sem fins lucrativos encontram uma certa liberdade para difundir seus trabalhos, mesmo sem terem contratos de direito de imagem. As principais restrições à captação de imagens acontecem em locais privados, onde os proprietários têm o direito de permitir ou vetar a captação em suas dependências.

O direito de imagem é relativo à exibição, mas não cria nenhum impedimento ao registro ou à captação das imagens.

O direito autoral é o principal instrumento de proteção de autores de obras intelectuais, literárias, artísticas ou científicas. No Brasil, ele se divide em duas categorias: direitos autorais patrimoniais e direitos autorais morais. Os patrimoniais incluem o direito de produção e reprodução (*copyright*); o direito de criação de obras derivadas; e o direito de retransmissão. Os morais incluem o direito à autoria e à integridade da obra.

Ainda sobre direitos autorais, um vídeo, embora tenha um produtor e um diretor, é antes de mais nada uma obra de autoria coletiva. Esta é uma categoria importante que se aplica a filmes, discos, espetáculos teatrais etc. Nesses casos, os direitos autorais são divididos pelos diversos autores, como, por exemplo, o roteirista e o autor da trilha sonora. Em uma autoria coletiva, o produtor da obra é o responsável legal pela representação do direito autoral. Ele deve representar, negociar, receber e distribuir em cotas predefinidas tudo o que for arrecadado pela obra. É importante destacar que nem todas as participações em uma obra coletiva podem ser consideradas coautoria e, consequentemente, nem toda participação garante direito autoral. Este é normalmente o caso de revisores e editores, que não são considerados autores. Quando há perspectiva de lucros, a determinação daqueles que têm ou não direitos é muito importante, porque evita futuros questionamentos.

Além da legislação específica de direitos autorais e de imagem, muitos casos chegam aos tribunais em função de acusações cíveis ou penais, como calúnia, injúria, difamação, danos morais ou materiais. Estas acusações independem de questionamentos autorais ou de direito de imagem. Em todos os casos cabe ao produtor responder pela obra em qualquer instância, assim como sofrer as sanções sempre que a obra violar algum limite legal.

Estas são orientações básicas para alertar sobre a importância de os realizadores de vídeos seguirem as normas legais de modo a evitar problemas. Em caso de dúvidas ou controvérsias, recomendamos que os produtores consultem um advogado para melhor esclarecimento.

#### Sobre direitos autorais ver:

http://www.ecad.org.br/pt/direito-autoral/o-que-e-direito-autoral/Paginas/default.aspx

#### Sobre direito de uso de imagem ver:

http://www.stj.jus.br/portal\_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=101305

MÍDIA ÍNDIO(S)

#### Conclusão

A revolução está em curso, e é mais rápida do que se imagina. Nos Estados Unidos, a venda de e-books (livros digitais para leitura em computadores ou tablets) em 2009 correspondia a 3% do mercado editorial e poucas empresas acreditaram nesse segmento. Em 2012, as vendas chegaram a 30% de todo o mercado norte-americano. Muitas empresas estão enfrentando dificuldades por não terem investido em desenvolvimento e tecnologia e, consequentemente, perderam espaço para aquelas que observaram a transformação tecnológica e as novas oportunidades.

A cada dia surgem novas maneiras de compartilhar, armazenar ou distribuir dados. Governos, empresas e usuários descobrem soluções mais eficientes para diminuir os custos e oferecer produtos e serviços melhores. Diversos caminhos vêm sendo trilhados nesse processo, alguns deles com mais regulação ou apoio estatal, outros desenvolvidos por empresas que buscam soluções para seus usuários e para a sociedade. Há também iniciativas da sociedade civil organizada, e mesmo de cidadãos de qualquer parte do planeta, que têm hoje oportunidade de mostrar ao mundo sua vida, seu trabalho, sua arte.

Fica um importante alerta. Em quase todas as revoluções da história da humanidade, o caráter democrático, libertador e descentralizador que norteava a mudança foi suprimido ao longo do processo pela consolidação de monopólios e pela centralização de poder. A supervalorização da lógica do lucro é certamente a grande ameaça na construção de um novo modelo de comunicação. O risco de "fechamento" da internet já é real em algumas análises. O monopólio exercido hoje por empresas como AT&T, Apple, Google e Facebook pode se transformar em uma grande ameaça à liberdade criativa e ao interesse público. Por outro lado, a intervenção estatal, para tentar combater a lógica do lucro acima de tudo, pode ser uma solução pior que o problema. Em diversos países com regimes ditatoriais ou governos fundamentalistas, a internet já sofre um grande controle. O essencial é saber que hoje estamos no meio de um processo. A comunicação é, nos dias atuais, muito diferente daquela de dez anos atrás e, daqui a outros dez anos, será outra.

Nesse quadro em que tudo parece caducar rapidamente, alguns conceitos antigos seguem como referência. Os estudos de luz feitos pelos pintores clássicos

foram apropriados pela fotografia e estão hoje nos vídeos e nas fotos digitais. No jornalismo, o que está mudando é a forma como o profissional tem acesso às informações e sua capacidade de difundir o produto de seu trabalho. Mas o jornalismo não deve deixar de buscar a verdade, investigar e mostrar os diversos pontos de vista sobre os fatos.

A mudança acontece hoje em cada sala de aula, em cada escritório, repartição pública, jornal, ambiente artístico, de lazer, esporte, organizações indígenas, grupos de mulheres, jovens... Todos estamos inseridos e temos o dever de refletir e contribuir para evitar que o conhecimento e a informação sejam concentrados ou monopolizados. Tudo o que pensamos e criamos está relacionado às informações às quais estamos expostos. Diversificar e popularizar a produção e a distribuição do conhecimento são os caminhos para apresentar ao mundo novos modelos econômicos e culturais, construindo uma base filosófica para a transformação prática que pode indicar novos rumos para a humanidade.

#### Posfácio

#### Compartilhar como forma de aprender

Vivemos um "admirável mundo novo" onde antigas práticas e inovações no campo das novas tecnologias de comunicação e informação interagem em velocidade estonteante. Um mundo escorregadio, ambivalente e de movimento acelerado exige uma instrumentalização dos sujeitos porque muitas vezes as práticas consolidadas ainda pesam e as novidades escapam às mãos. Dentre as propostas mais relevantes de *Mídia Índio(s)*, ressaltamos a de funcionar como um "mapa" para operar neste cenário deslizante de novos processos tecnológicos e ambientes em transformação ainda em diálogo com velhas estruturas nas quais permanecem lógicas de exclusão e manutenção de privilégios.

A composição do espaço social é determinada pelo volume e valor de diversos capitais acumulados que atuam sobre a estruturação do espaço físico. Os lugares hegemônicos do "dizer" produzem representações interessadas, com fechamento de sentido, gerando interpretações que ocupam o lugar do real, estabelecendo formas de pensar e ver o mundo que são percebidas não como históricas, mas como naturais. Neste quadro, permanecem e se acirram as lutas pelo direito a significar e os embates culturais em torno das representações e das ações. O espaço é significado em seus múltiplos lugares e é arena de disputas por posições e sistemas de classificação. As formas de luta são muitas e difusas, envolvendo conflitos, negociações, recuos, alianças, acomodações, negações, esforços variados para que os sujeitos se coloquem em cena e atuem como protagonistas.

Ser dono do discurso, da voz, das narrativas e das representações é um marcador social de extremo poder. No mundo ambivalente que habitamos recrudescem modelos de dominação midiática e ao mesmo tempo abrem-se novas perspectivas para formas alternativas de comunicação. Endurecem ações conservadoras de setores políticos e econômicos para criminalizar os movimentos sociais, mas também se multiplicam e se dinamizam formas contra-hegemônicas de crítica e mobilização. *Mídia Índio(s)* se propõe a compartilhar ferramentas de produção midiática com sujeitos que historicamente têm sido narrados pela fala dominante.

Uma das características mais marcantes do atual processo histórico é a imbricação entre lógicas espaciais – global, nacional e local – que sempre dialogaram mas que, na atualidade, estão mais fortemente relacionadas e não podem ser

pensadas de forma isolada. Lógicas globais agem sobre o plano da localidade, levando à incorporação de novos hábitos e tecnologias e criando a necessidade constante de processos de territorialização. Nessa relação há um complexo jogo entre negação e incorporação no qual valores culturais estão em disputa, com consequências diretas na vida das pessoas.

As sensações, assim como as práticas, são ambíguas. Por um lado, aumentam as percepções de inclusão e pertencimento, em especial via esfera do consumo e acesso às novas tecnologias. Por outro, também aumentam a ansiedade e o medo de desenraizamento, de perda de referências, e dos custos pagos pelo local para entrar na ordem global, a insegurança da exclusão e do estigma. Nesse contexto, cultura e território são palavras difíceis e fundamentais, profundamente interligadas.

A forma como habitamos fisicamente um espaço está diretamente relacionada à maneira como o simbolizamos. O território vivenciado concreta e materialmente em nossas rotinas é permeado pelo território imaginário e significativo que construímos culturalmente. *Mídia Índio(s)* compartilha com jovens que vivenciam hoje profundas ambiguidades em torno de suas territorialidades e culturas ferramentas tecnológicas de construção discursiva para que eles possam constituir seu lugar nesse mundo, participando de forma mais empoderada do processo de construção de narrativas próprias. O livro discute a articulação entre local e global, marcando o local como referência de práticas e saberes e alertando para a imposição de modos de vida globais que geram a angústia e o desempoderamento no plano local.

Acreditamos ser este o papel fundamental da academia: repartir seu conhecimento, contribuindo para a efetivação dos direitos por parte daqueles que vivenciam de forma mais desigual e injusta os impactos das transformações sócio-econômico-político-culturais. Ao mesmo tempo, cabe à academia contribuir para a formação de agentes mais capacitados para a luta no campo da significação e da mobilização social e, como contrapartida, aprender com eles, através das suas reapropriações e ressemantizações, novas formas de "fazer com". Neste sentido, amplia-se a importância deste livro e do compartilhamento a que ele se propõe, pois sua contribuição pode ser ferramenta de transformação tanto daqueles a quem se dirige quanto daqueles que o produziram.

Ana Lucia Enne\*

Coordenadora do Laboratório de Mídia e Identidade (Lami)

<sup>\*</sup> Professora adjunta do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades (PPCult) da Universidade Federal Fluminense; coordenadora do Laboratório de Mídia e Identidade (Lami) e do Grupo de Estudos sobre Comunicação e Sociedade (Grecos). Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado/Faperj.

#### Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. A dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985.
- ALVAREZ, Miguel Angel. O que é streaming. Descubra a tecnologia que nos aproxima de uma Internet de rádio e televisão. 2004. Disponível em: http://www.criarweb.com/artigos/214.php. Acesso em: 10/10/2013.
- AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas: Papiru, 1993.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.
- CARVALHO, Ana Amélia A. (org.). *Manual de ferramentas web 2.0 para professores*. Lisboa: Ministério da Educação, 2008.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- EISENBERG, José & CEPIK, Marco (org.). *Internet e política*: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- EISENSTEIN, Serguei. A forma do filme. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- ENCICLOPÉDIA DIGITAL WIKIPÉDIA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip% C3% A9dia:P%C3%A1gina\_principal.
- FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A Editora, 2006.
- \_\_\_\_. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Editora UFMG, 2011.
- LEMOS, André. Ciber-cultura remix. *In*: ARAÚJO, Denise Correa (org.). *Imagem (IR) realidade*: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 52-65.
- LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2009.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Comunicação apresentada no *VII Corredor das Ideias do Cone Sul*, Unisinos, em agosto de 2005, e no *xxv Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia* (ALAS), Porto Alegre, agosto de 2005.

#### **Anexo**

#### Lista das bibliotecas virtuais disponíveis online

**Acervo de Fotografias da Revista Life** – http://images.google.com/hosted/life – A revista *Life*, em parceria com o Google, disponibilizou parte de seu acervo fotográfico neste *site*. Apenas para visualização. Em inglês.

**Biblioteca Digital do Congresso dos EUA** – http://www.loc.gov/index.html – A Biblioteca do Congresso dos EUA disponibiliza uma infinidade de títulos que podem ser consultados gratuitamente: documentos, livros, jornais, mapas, fotografias, ilustrações, coleções diversas etc. Em inglês.

**Biblioteca Digital do Museu Nacional/UFRJ – http://www.obrasraras.museunacional. ufrj.br/** – Suas coleções formam um patrimônio de referência nas áreas de ciências naturais e antropológicas. Os arquivos podem ser baixados através desta página e suas versões em alta resolução estão disponíveis para acesso em terminais da instituição. Em português.

**Biblioteca Digital do Senado Federal** – http://www2.senado.gov.br/bdsf/ – Livros, obras raras, artigos de revista, notícias de jornal, produção intelectual de senadores e servidores do Senado Federal, legislação em texto e áudio, entre outros documentos. As obras são de domínio público ou possuem direitos autorais cedidos pelos proprietários, possibilitando acesso e *download* gratuitos. Em português.

**Biblioteca Digital Mundial** – http://www.wdl.org/pt/ – É fruto da colaboração entre a Biblioteca do Congresso dos EUA, a Unesco e parceiros por todo o mundo. Podem ser encontrados manuscritos, mapas, livros raros, partituras, gravações, filmes, gravuras, fotografias, desenhos arquitetônicos, entre outros. Qualquer biblioteca, museu, arquivo ou outra instituição cultural que tenha conteúdo histórico e cultural interessante poderá participar. Disponível em diversos idiomas.

**Biblioteca do IBGE** – http://biblioteca.ibge.gov.br – Possui um vasto acervo de monografias, mapas, publicações, fotografias, cartazes e demais conteúdos relacionados à documentação territorial do Brasil, assim como da própria produção da instituição. Em português.

**Biblioteca Virtual da América Latina** – http://www.bvmemorial.fapesp.br – Desenvolvida pela Fundação Memorial da América Latina, com apoio da Fapesp, tem como objetivo disseminar informação e conhecimento, nos aspectos de humanidades, ciências e artes, na América Latina. Em português.

**Brasiliana USP** – http://www.brasiliana.usp.br – Extensa coleção composta pelo acervo da Universidade de São Paulo, com livros, mapas e imagens em domínio público. Em português.

**Domínio Público** – http://www.dominiopublico.gov.br – O Ministério da Educação disponibiliza gratuitamente textos, imagens, vídeos, áudios livres de direitos autorais. Em português.

**Fundação Getúlio Vargas** – http://cpdoc.fgv.br – Entre seus conteúdos estão dossiês sobre a história do Brasil (50 anos de Brasília, anos JK, Jango e Era Vargas) e entrevistas de história oral (a maior parte voltada para o estudo de trajetórias das elites brasileiras desde os anos 1930). Em português.

**Internet Archive** – http://www.archive.org – ONG norte-americana, com livre acesso a milhares de títulos de todas as naturezas. Neste *site* também é possível acessar a Wayback Machine, uma espécie de "memória digital", com cerca de 150 bilhões de páginas da *web* desde 1996. Em inglês.

**Portal da Capes** – www.periodicos.capes.gov.br – Biblioteca virtual com sistema de busca e *download* gratuito de artigos científicos produzidos no Brasil e no exterior. Inclui ainda patentes, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.

**Portal da Imprensa Nacional** – http://portal.in.gov.br/ – Abrange o *Diário Oficial da União* (DO), leis, licitações, atas de plenário e todas as demais atividades das divisões administrativas do Estado brasileiro.

**Projeto Gutenberg** – http://www.gutenberg.org – A mais antiga biblioteca digital, foi criada em 1971. Reúne obras literárias e acadêmicas em domínio público, digitalizadas, para serem "baixadas" gratuitamente. Dispõe uma versão da página em português.

**Public Domain Torrents** – http://www.publicdomaintorrents.net – *Site* onde podem ser obtidos legalmente filmes clássicos e filmes B que caíram no domínio público. Para fazer o *download*, é necessário um *software*/protocolo chamado *torrents*.

**SCIELO (Scientific Electronic Library Online)** – http://www.scielo.org – Biblioteca digital de textos científicos brasileiros e estrangeiros, incluindo América Latina e Caribe, na qual se tem acesso livre a artigos publicados em periódicos de língua portuguesa, espanhola e inglesa.

**Sem Fronteiras – Fundação Biblioteca Nacional –** http://www.bn.br/site/pages/bibliotecaDigital/bibsemfronteiras/ – É composto por coleções digitais temáticas, refletindo todas as áreas de trabalho da instituição. Em português.

#### Sobre o autor

Bruno Pacheco de Oliveira é formado em Comunicação Social pelo Centro Universitário da Cidade e fez curso de especialização em Cinema Documentário na Fundação Getúlio Vargas. Atualmente é mestrando do curso de Cultura e Territorialidade da Universidade Federal Fluminense. Dirigiu vários documentários, entre eles Uma Assembleia Ticuna, Pisa Ligeiro, Muita Terra pra Pouco Índio? e Trilhas de Conhecimentos. Trabalha desde 1997 como pesquisador associado do Laced/ Museu Nacional-UFRJ, atuando também junto a diversas instituições, como Ministério Público Federal de Minas Gerais (durante o processo de reconhecimento do povo Caxixó); Fundação Joaquim Nabuco (através da exposição "Índios: os primeiros brasileiros"); Universidade Católica Dom Bosco e Projeto Rede de Saberes (realizando oficinas de comunicação com acadêmicos indígenas). Atuou também junto a diversas organizações indígenas como o Conselho Geral da Tribo Ticuna – CGTT, Museu Maguta, Articulação dos Povos indígenas do Brasil – Apib, Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – Coiab, Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – Apoimne e Conselho Indígena de Roraima – CIR.

